

Alto Rio dos Bugres

As origens do município de Imbuia



Luiz Saulo Adami
Tina Rosa



Um pequeno mundo

Celestino Sachet

Imagino as longas horas de pesquisa e de redação para organizar um texto que, mesmo sendo um pequeno mundo, mergulha no grande mundo de todos.

Vocês alcançam o universal pelo local!

É de elogiar igualmente a editoração e o efeito gráfico alcançado com as fotos que abrem os capítulos.

A literatura historiográfica de Santa Catarina acaba de colher frutos saborosos que, certamente, produzirão férteis sementes.

Celestino Sachet é membro da Academia Catarinense de Letras.

Alto Rio dos Bugres

As origens do município de Imbuia

**Luiz Saulo Adami
Tina Rosa**



2004

Copyright © 2004 by Luiz Saulo Adami e Tina Rosa
Todos os direitos reservados aos autores.

Edição:



Rodovia Antônio Heil, Km 11 – Arraial dos Cunhas
88316-000 – Itajaí – SC
Telefone: (47) 346-5377
E-mail: steditores@bol.com.br

Realização:



PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBUIA
Avenida Bernardino de Andrade, 86
88440-000 – Imbuia – SC
Telefone: (47) 557-1103

Editores:

Luiz Saulo Adami e Tina Rosa

Design de capa:

Sidney Wanka e Tina Rosa

Editoração eletrônica:

Sidney Wanka e Luiz Saulo Adami

Fotografias:

Acervo da Prefeitura de Imbuia

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da FURB

Adami, Luiz Saulo

A198a Alto Rio dos Bugres : as origens do município de Imbuia / Luiz Saulo

Adami, Tina Rosa. - Blumenau : Odorizzi, 2004.

152p. : il.

Bibliografia: p.145-149.

1. Imbuia (SC) - História. I. Adami, Maria Cristina Rosa. I. Título.

CDD 981.642

Impressão: Editora e Gráfica Odorizzi Ltda.

Primeira edição: Setembro de 2004

Tiragem da primeira edição: 2.000 exemplares

Alto Rio dos Bugres

As origens do município de Imbuia

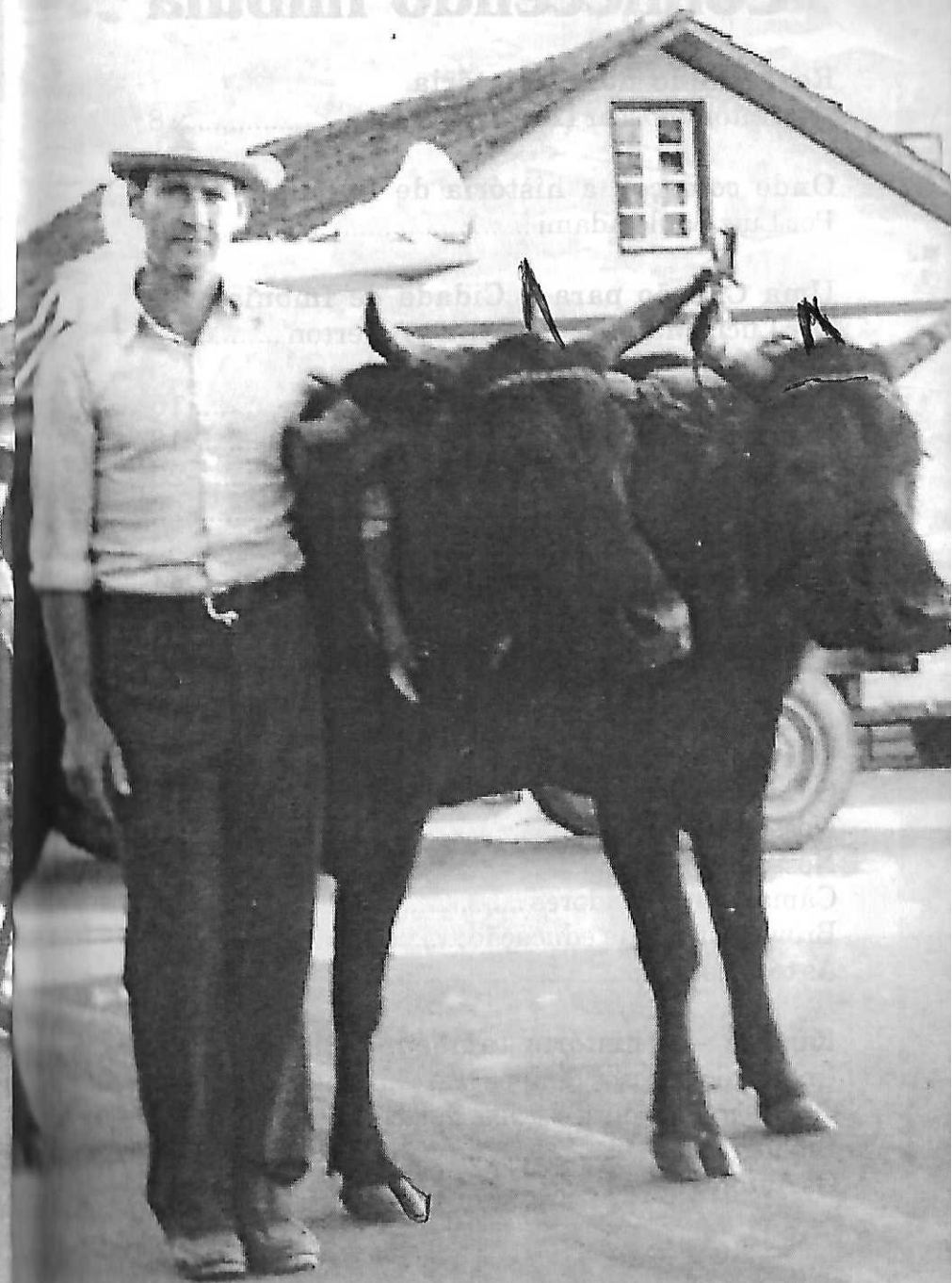


Luiz Saulo Adami
Tina Rosa



EDITORES

Este livro é dedicado
à memória dos pioneiros
que plantaram no solo fértil
de Alto Rio dos Bugres
as sementes que germinaram
e deram origem
ao município de Imbuia.



Conhecendo Imbuia

Resgatando nossa história Por Antônio Oscar Laurindo	8
Onde começou a história de Imbuia? Por Luiz Saulo Adami	10
Uma Canção para a Cidade de Imbuia Por Lúcia Mafalda dos Santos Alberton	13
Parte 1 – As Origens de Imbuia	15
Dados geográficos	18
Nossas várias etnias	20
Alto Rio dos Bugres	25
Índios e bugreiros	36
Naquele tempo ..	44
Parte 2 – O município de Imbuia	52
A Imbuia, nosso símbolo	54
De distrito a município	58
O brasão e a bandeira	64
O Cartório de Paz	67
Nossa vida em Imbuia	78
Nossos prefeitos	86
Câmara de vereadores	95
Breve história da educação	101
As tocaias	116
Parte 3 – A história também registra.....	120
Imbuia dos nossos tempos	129
O novo mapa político	133
Bibliografia	145
Os Autores	150



Resgatando nossa história

Antônio Oscar Laurindo

A história do município de Imbuia vem sendo contada há vários anos, através da tradição oral: de pai para filho, década após década, as tradições do passado, as conquistas de nossos pioneiros, tudo isso foi sendo transmitido de geração para geração.

Mas, era necessário registrar para sempre, no papel, o que nossos antepassados disseram e, principalmente, o que eles fizeram por nossa comunidade.

Os escritores Luiz Saulo Adami e Tina Rosa nos procuraram e nos ofereceram a oportunidade de registrar para sempre a nossa história em um livro, o que veio de encontro aos nossos mais antigos anseios.

Aqui está, para esta e para as próximas gerações, o primeiro livro da nossa história, o ponto de partida para que, no futuro, outros pesquisadores possam dar continuidade ou aprofundar os temas abordados.

Estamos, com a publicação desta obra, contribuindo significativamente para o resgate e a preservação da memória histórica da grande família imbuiense.

Antônio Oscar Laurindo, prefeito de Imbuia.

Onde começou a história de Imbuia?

Luiz Saulo Adami

Em que localidade teve início a história da ocupação territorial do município?

Quem eram, quando chegaram e de onde vieram seus pioneiros?

Como era a localidade que encontraram, naqueles tempos?

Estas costumam ser as primeiras perguntas que precisamos responder, na hora em que aceitamos o desafio de escrever um livro dedicado à reconstituição dos fatos que levarão nossos leitores a conhecer o passado de um bairro, de uma cidade ou de uma família; seja em Imbuia ou em qualquer outra cidade do planeta.

No caso específico de Imbuia, a dificuldade de acesso aos documentos históricos (destruídos pela ação do tempo, por enchentes ou incêndios) nos levou a investir mais nas fontes orais. Por isso, agendamos entrevistas com alguns de seus moradores mais antigos ou com descendentes de

imigrantes que desbravaram suas várias localidades, nas primeiras décadas do Século XX.

Foi um trabalho que nos deu prazer e nos levou a uma compreensão maior da história da comunidade e de sua gente, cujos dados estão contidos nas páginas deste que é o primeiro livro de história do município, cujas origens remontam a Santa Catarina de 1929, 1930.

A exemplo do que encontramos na história de outros municípios sobre os quais já publicamos livros (**Terra Generosa: História de Massaranduba – SC** e **Agrolândia: De Trombudo Alto aos Nossos Tempos**, por exemplo), as origens de Imbuia também geram controvérsias.

Há duas correntes a considerar:

1) a *história oficial*, presente em todos os informativos já produzidos no município, dando conta de que a ocupação territorial teve início no local onde hoje está o centro urbano de Imbuia;

2) a *história oral*, contada de antepassado para antepassado, que defende com toda convicção de que o povoamento de Imbuia teve início na atual localidade de Nova Alemanha – que no passado teria tido *status* equivalente ao atual centro urbano do município.

Este livro reúne tanto a história oficial quanto a história oral, permitindo ao leitor e ao cidadão

imbuiense acreditar em uma ou em outra versão. Ou, diante da falta de comprovações, aceitar as duas.

Neste momento em que entregamos à comunidade seu primeiro livro, queremos agradecer às pessoas que nos ajudaram a recontar a trajetória dos pioneiros.

Agradecimentos ao prefeito Antônio Oscar Laurindo, por acreditar neste projeto; à diretora do departamento de Educação, professora Neuza Koerich, por sua sensibilidade no trato com os assuntos relativos a Imbuia; à equipe de funcionárias do departamento de Educação (Eliana Peixe Ferreira, Cleusa Marise Kreuzsch Gulini e Renata Lorenzi), que nos ajudaram a encontrar saídas para os tortuosos caminhos desta história.

Nossos agradecimentos a Laudir Givanildo Schvindan, assessor parlamentar da Câmara de Vereadores de Imbuia, e a todas as demais pessoas que, através de sua cooperação, tornaram possível a realização deste trabalho.

Boa leitura!

Uma Canção para a Cidade de Imbuia

Letra e Música:

Lúcia Mafalda dos Santos Alberton

Neste pedaço de terras
De terras do meu Brasil
Imbuia torrão querido
E cheio de encantos mil

Teus lindos campos e plantações,
Teu povo alegre e trabalhador
Revelam nobres valores,
De cada um o amor.

Imbuia que eu quero tanto
Cantar-te de coração,
Honrar-te eu quero sempre
Porque sou teu cidadão

Colonos saem para trabalhar,
De sol a sol calos pelas mãos
Em cada filho imbuiense tu tens
O orgulho desta nação.

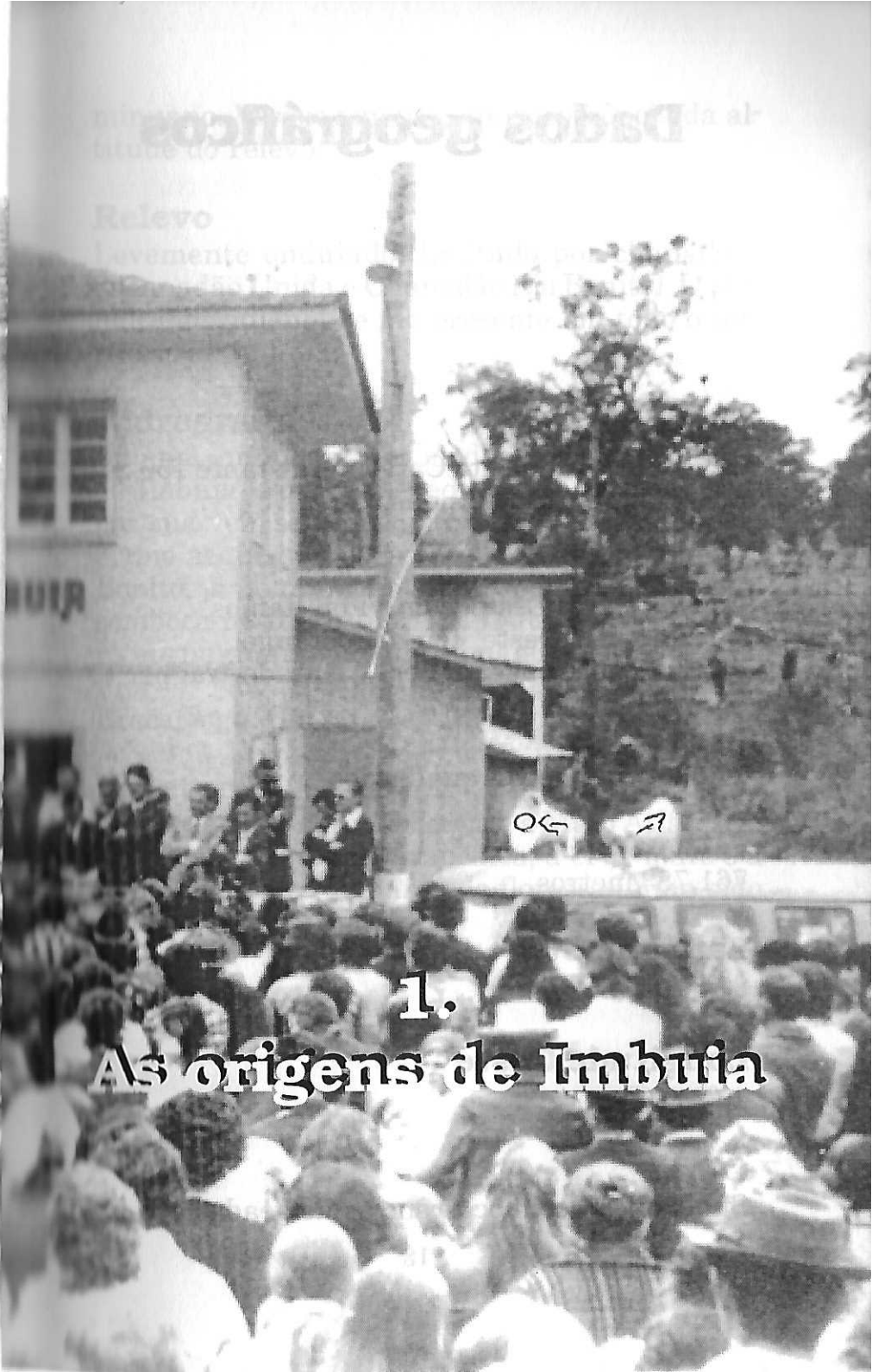
Adultos, jovens, crianças
De Imbuia são o amor,

São eles a esperança,
Riqueza, fé e valor.

Tua gente nobre e hospitaleira,
O teu progresso é que equivale
O nome é a majestade
De Princesinha do Alto Vale.

Centro urbano de Imbuia, em 2004





1.
As origens de Imbuia

Dados geográficos

Localização

Centro-leste de Santa Catarina, distante 150 quilômetros de Florianópolis.

Limites

Ao Norte e ao Leste, com Vidal Ramos.

Ao Norte e a Oeste, com Ituporanga.

Ao Sul, com Leoberto Leal e Alfredo Wagner.

Área

120,34 quilômetros quadrados.

Altitude

761,783 metros.

Latitude Sul

27°30'05".

Longitude Oeste

49°24'36".

Clima

Subtropical, com ocorrências de geadas e vento

minuano. Verões amenos, em decorrência da altitude do relevo.

Relevo

Levemente ondulado, limitado por chapadões (Chapadão Unida e Chapadão Rio Bonito). O planalto meridional se faz presente em todo o território de Imbuia.

Hidrografia

Imbuia conta com um modesto arroio – Arroio de Imbuia – que tem pequenas nascentes que, por sua vez, se juntam no centro da cidade, e o arroio segue seu curso até a localidade de Rio Bonito, já no município de Ituporanga, onde desemboca no Rio Itajaí-Açu. Outros arroios aparecem nas localidades de Samambaia, Campo das Flores, Nova Alemanha, Águas Cristalinas, Bracatinga, Garrafão e Alto Rio Engano.

Vegetação

Sua vegetação característica é a Mata Atlântica, com destaque para a araucária, a erva-mate e a imbuia, embora sua área de floresta tenha sido reduzida.

belecimento de núcleos de população no caminho de Lages, surgiu no último decênio do século XVIII, com o objetivo de se obter base para operações e fustigar o inimigo, caso não se pudesse defender a ilha. Após a independência do Brasil, o projeto foi retomado, ainda que não houvesse mais a tensão do século anterior em Santa Catarina”.

Em 1829, foi criada a Colônia São Pedro de Alcântara com imigrantes alemães e ex-soldados provenientes de batalhões dissolvidos no Rio de Janeiro e em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis.

Em 1847, ao longo do mesmo caminho de Lages, foi implantada a Colônia Santa Isabel, também integrada por imigrantes alemães.

“Outros estabelecimentos na parte fronteira à ilha de Santa Catarina indicam, porém, que o objetivo oficial dessas fundações foi povoar a área vizinha à capital da província”.

Nessa região, surgiram:

1) a *Colônia Nova Itália*, em 1836, com imigrantes sardos, no vale do rio Tijucas;

2) a *Colônia Piedade*, em 1847, com imigrantes alemães que abandonaram as terras;

3) a *Colônia Leopoldina*, demarcada em 1847, mas com início de povoamento apenas em 1853, com

colonos belgas e alemães saídos da Colônia Piedade;

4) a *Colônia Militar Santa Teresa*, com soldados-agricultores, para proteção do caminho de Lages contra os ataques dos silvícolas;

5) a *Colônia Teresópolis*, em 1860, com imigrantes alemães;

6) a *Colônia Nacional Angelina*, com agricultores nacionais e alemães e, já no regime republicano, os núcleos coloniais Esteves Júnior e Anitápolis.

Das diversas secções do Núcleo Federal Senador Esteves Júnior vieram os membros de algumas famílias pioneiras dos atuais municípios de Vidal Ramos e Imbuia: Guilherme Seemann e Chrispim Francisco Machado, da Secção Alto Braço; Pedro Gorges Júnior, da Secção Rio Bonito; August Stoltenberg e Paulo Koch, da Secção Estrada Geral Barra Negra; José Andrade Júnior, Guilherme Seemann, Manoel Seemann e Jacob Alves, da Secção Barra Negra; Francisco Seemann e Frederico Misfeld, da Secção Lebon Régis; Pedro José Alflern, da Secção Rio Engano; José Pedro Alflern, Pedro Kammer, Fernando Allein, Dominico Allein, Pedro Koch, Jacob Eifler, Hilário Seitz, Augusto Seitz, João Nicolau Reitz, Geraldo Seitz e Pedro Seitz, da Secção Rio Sebastião.

A pesquisadora Cenilde Loch afirma: “Houve por parte do governo Imperial um planejamento que,

se efetuado com perfeição, poderia salvar a situação econômica e política brasileira. Este projeto seria aplicado na região sul do Brasil. Consta da implantação de um centro econômico, baseado na policultura que deveria assegurar a economia brasileira numa possível queda do café; evitando assim uma crise como aconteceu, de 1815 a 1830, a crise do açúcar”.

Para ela, o governo brasileiro “despendia grande quantidade de dinheiro para processar a imigração no Sul. Nota-se o grande incremento de imigração, no Brasil, por volta de 1880, especialmente para Santa Catarina e Rio Grande do Sul”.

Segundo a pesquisadora, um dos pontos que também chamava a atenção do governo brasileiro para o sul de Santa Catarina “era o fato de lá existir carvão mineral. A descoberta deste mineral volveu para lá, também, a atenção dos ingleses, que por sua vez teriam na região uma fonte abastecedora de seus navios, podendo carregá-los com mais mercadorias”.

Alto Rio dos Bugres

A primeira denominação do atual município de Imbuia, segundo alguns pesquisadores, era Alto Rio dos Bugres. Porém, há outros pesquisadores que apontam como primeira denominação Chapadão do Rio dos Bugres.

Controvérsias aparte, vamos aos fatos, buscando resposta para a primeira de uma série de perguntas intrigantes.

Onde nasceu o atual município de Imbuia?

Nascido em Alto Rio dos Bugres em 23 de abril de 1931, Aloysio Kammers compartilha da mesma opinião da maioria dos moradores da localidade de Nova Alemanha: “O município de Imbuia nasceu aqui”.

Filho do pioneiro David Kammers e de sua mulher Maria Kempner Kammers, ambos agricultores, Aloysio afirma que foi em 1924 que seu

pai, seu tio Simão Kammers e seus amigos Augusto Ibers e Reinoldo Justen vieram de Betânia, na época chamado Perdidos, e se instalaram na localidade Nova Alemanha.

Um tempo no qual, segundo relatou seu pai, “era quase tudo mato; tinha bugres e todo tipo de caça, incluindo onças e veados”.

Nova Alemanha nunca foi reconhecida como o lugar onde nasceu o município de Imbuia, lamenta Aloysio, que não concorda com as correntes que defendem a versão de que João Reitz tenha sido o primeiro morador de Imbuia: “Quando os Reitz vieram para Imbuia, já vinham aqui – em Nova Alemanha – esculhambar as festas da nossa escola”, lembra Aloysio, com um indisfarçável tom de provocação.

David Kammers ajudou a abrir a estrada que ainda hoje leva os viajantes de Imbuia para Ituporanga: “A estrada antiga ainda tem o mesmo traçado, pelo menos na maior parte do percurso. Por ela, também passavam os tropeiros que, vindos de Bom Retiro, Lages e Bocaina do Sul, geralmente posavam na casa de meu pai. Os tropeiros transportavam bois, traziam charque para vender... Aquele charque era coisa especial!”.

Revendo a história...

Para compreender a criação do município de

Imbuia, é preciso retroceder no tempo, viajar até os primórdios da história político-administrativa de Santa Catarina.

Da atual capital Florianópolis (antiga Nossa Senhora do Desterro), tiveram origem os municípios de Biguaçu e São José, criados em 1º de março de 1833. São José era Termo da Capital desde 1751, e foi povoado como São Miguel por imigrantes açorianos vindos de 1748 a 1756, como lembra Oswaldo Rodrigues Cabral:

“Com o estabelecimento de colônias em território de seu Termo, adquiriu maior importância e aumentou o seu desenvolvimento, o que lhe valeu a ascensão à categoria de Município, tendo a sua sede os foros de Vila, elevados em 1854 aos de Cidade. Foi cabeça de Comarca em 1849, a denominada Segunda Comarca”.

De São José, originaram-se outros três municípios: Palhoça, em 24 de abril de 1894 (Lei nº 184); Angelina, em 7 de fevereiro de 1961 (Lei nº 781); e Rancho Queimado, em 8 de novembro de 1962 (Lei nº 850).

Bom Retiro foi criado em 4 outubro de 1922 (Lei nº 1.408), com o desmembramento de territórios até então pertencentes aos municípios de Palhoça e de Lages.

“Em 1787, foi iniciada a construção do caminho de São José a Lages, concluído em 1790. Um dos encarregados da obra, o capitão Antônio Mar-

ques de Arzão obteve, em 1792, uma sesmaria de três léguas por uma légua, no lugar que denominara de Bom Retiro, onde descobrira vastos campos, tendo-lhe sido concedida pelo Regente da Vila de Lages, capitão-mor Bento do Amaral Gurgel Annes, que sucedera a Correia Pinto”.

A transformação de Bom Retiro em distrito aconteceu em 1920. De Bom Retiro, originaram-se os municípios de Ituporanga, em 30 de dezembro de 1948 (Lei nº 247) e Alfredo Wagner, em 21 de dezembro de 1961 (Lei nº 806). “Ituporanga foi primitivamente chamado de Barra do Rio Guabiroba e Barra do Rio Perimbó, fazendo parte do município de Palhoça, antes de passar ao de Bom Retiro”, confirma Cabral.

“Entretanto, sempre houve contestação por parte de Blumenau, que reivindicava a jurisdição desse território, tendo havido mesmo, em certa época, dois intendentess municipais, um nomeado por Palhoça, outro por Blumenau. O povoamento da região foi iniciado em 1912, com elementos originários de São Pedro de Alcântara, de Santo Amaro e do Capivari. Palhoça criou-lhe a primeira escola, em 1919, com a denominação de Salto Grande, que passou à localidade. Em 1923, elevada aos foros de vila, deram-lhe o nome de Generosópolis, mas a população continuou a chamá-la de Salto Grande, tendo aquela denominação perdido o uso”.

Quando foi criado o município de Ituporanga, ele era formado pelos territórios de Salto Grande e



Com o aumento da povoação, novas estradas foram abertas

Perimbó. A Resolução nº 23, de 25 de maio de 1938, da Prefeitura de Bom Retiro, dispõe sobre o perímetro da vila de Ituporanga – na época, Salto Grande:

Art. 5º: “A área urbana da vila de Salto Grande, fica compreendida na delimitação seguinte: Começando no entroncamento da estrada geral Barracão Rio do Sul’, com a estrada de Guabiroba, segue esta 300 metros, donde segue uma linha reta, rumo Noroeste, com uma extensão de 800 metros, daí nova linha reta até o rio Itajaí do Sul, seguindo por este acima até confrontar com a estrada de Guabiroba, ligando a esta por linha seca”.

O Art. 6º deixa evidenciado que a área suburba-



Algumas ruas centrais de Imbuia são pavimentadas

na da vila de Salto Grande “fica compreendida na delimitação seguinte: Começando na queda do Salto Grande sobre o rio Itajaí do Sul, até encontrar a foz do rio Águas Negras, subindo por este numa extensão de 300 metros, partindo daí em linha reta, rumo Sul, até encontrar o rio Perimbó, descendo por este até sua barra com o Itajaí do Sul, subindo este até o marco da linha divisora das Companhias Jensen e Colonizadora Catarinense, numa extensão de 500 metros, donde parte outra linha reta de 1.200 metros, com 90 graus do final desta, partindo outra reta até a queda do Salto Grande”.

“Não obstante as determinações desse dispositivo legal, os perímetros adotados pelo município de Bom Retiro, e conseqüentemente pelo Recen-

seamento Geral, são totalmente diferentes”, argumenta Victor Antônio Peluso Júnior, no estudo **A Vila de Ituporanga**, onde descreve “as linhas em vigor” daquela época:

“Perímetro urbano – A área urbana é compreendida pela linha que parte do Salto Grande do rio Itajaí do Sul, sobe este até o porto da balsa na barra do rio Perimbó; daí segue em direção a confluência do arroio Felipe com o córrego que se encontra a 400 metros no rumo 58° NE, donde alcança o rio Guabiroba a 680 metros no rumo 16° NW; continua por outra linha seca no rumo 20° NW até 1.400 metros, donde alcança o ponto de partida”;

“Perímetro suburbano – A área suburbana está compreendida entre o perímetro urbano descrito e a linha que, começando no rio Águas Negras, a 240 metros em linha reta da sua foz no Itajaí do Sul, segue com rumo 19° SE até a distância de 2.100 metros, donde alcança o arroio Felipe, 1.000 metros ao rumo de 87° NE; daí em diante mantém-se no mesmo rumo das linhas do perímetro urbano, de que dista 240 metros, até o Itajaí do Sul; segue por este até a barra do rio Águas Negras, e por este até o ponto de partida”.

Em 1949, Ituporanga tinha 1,2 mil habitantes. “De 1940 a dezembro de 1947, o aumento da vila foi considerável. O seu crescimento foi marcado, no solo, pelos edifícios que se adensaram dentro do seu perímetro e pelos que se construíram além

de seus limites”, destaca Peluso Júnior. Estes estudos foram realizados nos primeiros anos da década de 1940, “quando ainda se processavam os movimentos de migração interna que povoaram os vales da bacia do rio Itajaí do Sul. Os povoados surgiam espontaneamente, e se muitos tinham sucesso, outros desapareciam. Os lavradores adquiriram as terras da empresa colonizadora, geralmente em lotes de 300 metros de frente por 1.000 metros de fundos, situando-se a frente na margem do rio, onde eram abertas as estradas, perto das quais construía suas casas”.

Na época, a zona urbana de Ituporanga concentrava 77,2% de toda a população da vila, “distribuindo-se a restante pelos subúrbios norte (estrada de Rio do Sul), leste (estrada da Guabiroba) e oeste (margem esquerda do Itajaí do Sul)”.

O estudo das habitações revelou que 48,2% dos habitantes residem há menos de dois anos nas casas em que os encontramos, e somente 9,7% estão há mais de 10 anos na mesma casa:

“Este fato surpreendente é explicado pela contínua entrada e saída de trabalhadores, pela mudança de residência da classe operária quando muda de emprego, e pela substituição dos prédios por parte dos moradores antigos, que derrubam as casas de madeira em que viveram longos anos e constroem outras de alvenaria. Quem mais concorre para o aumento do índice de mobilidade da população é o trabalhador. Esta classe pos-

sui inúmeros membros vindos da zona rural; não se adaptando à vila, retiram-se, dando lugar a outros elementos da mesma natureza”.

A população contava com apenas 4% de famílias negras e mulatas, residentes no subúrbio norte, “nas imediações da fábrica de fécula e na estrada da Guabiroba, junto a depósitos de madeira. Na sua localização não há qualquer segregação, pois que se acham em íntimo contato com toda classe trabalhadora a que pertencem. Nos primeiros tempos de Ituporanga, a floresta forneceu material para construção de abrigo à população que criava a vila. Atualmente ainda 75% dos prédios são de madeira. Somente 18% são de alvenaria de tijolos, e os 7% restantes foram levantados com tijolos e madeira”.

Peluso Júnior classifica Ituporanga como *uma vila espontânea* porque seus primeiros moradores foram agricultores que se entregavam à lavoura em seus lotes coloniais: “Essa comunidade agrícola, devido à sua posição apropriada ao comércio, sofreu a invasão de elementos estranhos que, ao dedicando às atividades comerciais, fizeram nela predominar essa função”.

De Ituporanga, originaram-se os municípios de Petrolândia – antiga área de Perimbó (Lei nº 837) e Imbuia (Lei nº 839) – antiga área de Chapadão Rio dos Bugres ou simplesmente Rio dos Bugres, ambos em 26 de julho de 1962, e Atalanta (Lei nº 995), em 4 de dezembro de 1964. E é neste ponto que começa a história que vamos contar.

A atual área de Imbuia se desenvolveu às margens da estrada que ligava Barracão (atual Alfredo Wagner) a Ituporanga. Rio dos Bugres, para Peluso Júnior, “é outra povoação da margem direita do (rio) Itajaí do Sul”. Dentro de seus limites, “encontram-se casas comerciais, hotel, alfaiatarias, ferrarias, sapataria, selaria, farmácia e dentista, e apenas 5 agricultores”.

Alguns anos antes que o excesso de população das colônias das imediações de Florianópolis passasse a ocupar o Itajaí do Sul, subiram o Itajaí-Açu, espalhando-se pela bacia, os descendentes dos antigos povoadores da Colônia Blumenau: “A vila de Lontras foi alcançada em 1894, através da estrada aberta pela Companhia Brasileira Torrens, e em 1911 o prosseguimento dessa estrada chegou a Trombudo, Rio do Sul, na confluência do Itajaí d’Oeste, ficou, mercê da estrada de Barracão, situada no cruzamento de duas importantes vias de comunicações”.

O povoamento que subia de Blumenau parou em Ituporanga, aí chegando, também, o que vinha das colônias da região fronteira a Florianópolis: “O contato entre as duas correntes não foi ocasional. Conseqüência da localização dos homens que financiavam a colonização, o encontro das duas levas de colonos obedeceu às causas que constituíram o elemento de formação da vila”.

Peluso afirma que foi entre 1925 e 1930 “que se consolidou a situação de Ituporanga como centro da sociedade que se instalava no vale do Itajaí

do Sul a montante da vila. Além dos diferentes profissionais que a ela acorriam, nesse período estabeleceram-se farmacêuticos, dentistas e médicos, datando de 1929 a construção do primeiro hospital”.

E foi por volta de 1930 que chegaram ao atual território de Imbuia os pioneiros Antônio Fernando Allein, Dominício Reitz, Adão Reitz, Pedro Teixeira, Fernando Allein, Gustavo Zeitz, Rodolfo Andersen, Pedro Stein, Henrique Hoegen, Rodolfo Seemann, David Kammers, Augusto Zeitz, Antônio Teixeira, Antônio Laurindo, Nicolau João Reitz e Horácio Laurindo Machado.

Na comunidade que atualmente é o centro urbano de Imbuia, segundo pesquisas de Áurea Lúcia Sezerino, instalaram-se os primeiros comerciantes: Pedrinho Teixeira, Horácio Laurindo e Gilberto Philippi.

De Ituporanga, os produtos comercializados em Imbuia eram transportados em lombo de cavalo ou em carroças. Entre as pessoas que faziam estes fretes, estava Aloysio Kammers. A viagem tinha que ser bem aproveitada, pois era longa e penosa. Por isso, quando ia buscar mantimentos, aproveitava para levar porcos e a safra agrícola, como feijão e milho, que vendia em Ituporanga. Na época, os imbuienses usavam açúcar mascavo na alimentação, o sal era socado com pilão, e o que produziam (trigo, feijão, milho e mandioca) eram usados no consumo diário.

Índios e bugreiros

O homem pré-histórico de Santa Catarina, segundo os historiadores Walter Fernando Piazza e Laura Machado Hübener, apresenta-se em vários estágios civilizatórios:

- 1) Os povos coletores do litoral, que construíram, através da pesca e coleta de moluscos, os sambaquis (montes de conchas) “e que pelo número desses sítios arqueológicos demonstram ter sido uma população bastante expressiva”;
- 2) Os povos caçadores e coletores no interior, “habitando ora em sítios abertos à margem dos rios, ora em grutas”. São reconhecidos “pelas inscrições que realizaram em paredes de pedra, ou pelo trabalho que desenvolveram – fabricando suas armas, como pontas de flecha, machados polidos ou outros objetos”;
- 3) Coletores e agricultores de subsistência, “que já se apresentaram fabricando cerâmica, e que também são os mais recentes cronologicamente”.

São esses que se colocam “dentro dos grupos indígenas do Brasil à época do descobrimento. Tem-



A presença dos índios é lembrada em desfile cívico

no aqui a tradição tupi-guarani, ocupando, largamente o litoral e as margens dos grandes rios navegáveis, como o Uruguai e os seus afluentes principais, e a tradição não tupi-guarani, localizando-se em grupos menores, em áreas do interior”.

Um exemplo do vizinho município de Vidal Ramos, Imbuia fica numa região intermediária entre o primeiro e o segundo grupo indígena, sendo possível deduzir que por esta região passaram apenas grupos coletores.

Imbuia também estava no roteiro da maior caçada aos bugres da história de Brusque e região:

“Chegara ao fim, no município de Brusque, a tolerância da população face aos problemas com

os índios”, relata o historiador Dorvalino Eloy Koch: “O governo (de Santa Catarina) enviou 500 mil réis para despesas com a perseguição aos selvagens. Veio um grupo de 17 bugreiros da região de Angelina, chefiado por Martinho Martins, o bugreiro profissional. Os provimentos da expedição ficaram por conta do superintendente Vicente Schaefer” – de Brusque.

Os caçadores partiram de Brusque dia 4 de fevereiro de 1905, e seguiram de carroça até Ribeirão do Ouro. Dia 5, a área foi inspecionada.

“Três dias após, avistaram um pouso indígena. No dia 9, voltaram a Ribeirão do Ouro, afim de levar a turma toda. Seguindo picadas dos índios, descobriram vários ranchos, distantes uns dos outros quatro a cinco quilômetros. Após mais cinco dias, toparam com um rancho com sinais de abandono recente. Havia nele um pilão, ervas secadas e um cadáver indígena envolvido em folhas de caeté. Pela segunda vez, apenas acompanhado de três homens, Martinho partiu para o reconhecimento da região indígena, que ficava no Chapadão do Feuser, hoje conhecido como Chapadão da Tiriva, na região do Blink”.

Em 23 de fevereiro, os bugreiros encontraram vários outros ranchos abandonados pelos índios, no Chapadão do Feuser: “O bem planejado assalto foi executado dentro da maior cautela. Para evitar qualquer dispersão dos combatentes, aproximaram-se do local em fila indiana, e de mãos dadas. Martinho, de vela acesa na mão, puxava

o cordão... O ataque deu-se no dia 4 de março, ao completar-se um mês de atividades”.

O professor Marlus Niebuhr lamentou que, aos indígenas, “nem a honra cabe de serem os primeiros habitantes dessas terras, conhecedores das matas e da geografia da região, pouco se sabe sobre as suas histórias, soterradas nada sutilmente pelo conceito de selvagens”.

Mencionou que na região Sul do Brasil, “o litoral era habitado predominantemente pelos Tupi-Guaranis, logo denominados de Carijó. No interior das florestas dos vales e das encostas, como no interior do planalto, viviam os Xokleng e os Kaingang, ambos integrantes do grupo lingüístico Jê. Os Xokleng movimentavam-se constantemente em sua área de ocupação, seus campos de caça se estendiam do Rio Grande do Sul às proximidades de Curitiba e Guarapuava”.

No entanto, hoje os últimos remanescentes “vivem na reserva indígena de Duque de Caxias, área de 14.084 hectares, que abrange parte dos municípios de José Boiteux, Vitor Meirelles e Doutor Pedrinho, e o acesso é feito a partir dos municípios de Ibirama e Vitor Meirelles”.

Por que os índios atacavam os colonos?

“Com os territórios a escassear, os Xokleng estavam sujeitos a períodos de escassez de alimen-

tos”, explicou Niebuhr: “Nos campos do planalto, se encontravam as presenças dos tropeiros e criadores de gado. Nos vales, os colonos erguiam suas vilas, cortavam as matas, abrindo clareiras, plantando suas roças, cortando palmito, caçando e se fixando. O confronto seria inevitável, coube a alguns o papel de heróis, os que trouxeram a civilização, e a outros de selvagens. Sem dúvida, ainda há muito para se descobrir e reescrever nossa história”.

“Convém considerar que a aparente ferocidade dos indígenas, no transcorrer da colonização, na maioria das vezes, era tão somente resposta defensiva por terem o território invadido. Nestas circunstâncias, ao se sentirem ameaçados, tomavam defensiva contra os colonizadores, espalhando o pavor pelas suas propriedades”, ponderou a professora Wanusa Aparecida Scheimann.

Ela entrevistou, em 23 de abril de 2000, o morador de Vidal Ramos, Benjamin da Cunha, que contou para ela as histórias que o pai dele relatava sobre os ataques às cabanas indígenas feitos pelos bugreiros:

“O ataque aos índios pelo bando de Martinho seguia sempre um mesmo ritual. Perseguiu-se o grupo a que se desejava dar cabo. Depois de encontrá-lo, os mateiros ficavam acantonados durante horas, sem conversar ou fumar, esperando o momento exato para surpreender os índios em um ataque fulminante. É quando o dia está para nascer, enquanto os indígenas estão

entregues a seu sono mais pesado, que dão o assalto. Primeiro cortam as cordas dos arcos, depois iniciam a matança. Acordados a tiros e golpes de facão, os índios não têm qualquer chance de defesa. Após matar todos os adultos, as mulheres e crianças eram presas e levadas para a civilização. O trabalho só terminava depois de derrubar o rancho, empilhar e tocar fogo em tudo”.

Os Xokleng também eram conhecidos pelas denominações de Bugre, Botocudo, Aweikoma, Xocrén e Kaingang. Bugre era “uma designação que tem conotação pejorativa, pois indica as noções de ‘selvagem’ e ‘inimigo’”.

Botocudo estava “diretamente ligado a um enfeite labial que era utilizado pelos homens da tribo”. Xokleng significa taipa (parede) de pedra. Kaingang significa “homem” ou “qualquer homem”. Segundo Niebuhr, a preocupação de dar nome ao grupo “é dos civilizados e não dos índios” porque os Xokleng “não se auto classificavam, mas usavam o termo ‘angoika’, com o significado de pessoa”.

Restos mortais dos bugres em Imbuia

No terreno em que Manoel Bernardino de Andrade morava, em Campo das Flores, “tinha uma oca, tinha muitos ossos de índios: cabeça, ossos... Objetos que eles fabricavam: ferramen-



tas, balaios...”. Ele lembrou ainda que seu pai, Bernardino Agostinho de Andrade, abriu muitos caminhos em Nova Alemanha, quando ainda era solteiro, nos idos de 1925: “Enquanto ele estava roçando o mato, viu os índios”.

Em Nova Alemanha, também viviam índios, como lembra Aloysio Kammers, citando histórias que seu pai contava: “Meu pai sempre se entendeu com os índios. Já algumas pessoas que não dividiam com eles parte da caça ou que os



O grupo de Martinho Bugreiro, que também esteve em atividade no território de Imbuia, no início do Século XX. As mulheres e crianças que sobreviviam às caçadas, eram levadas para famílias dos brancos.

atacavam, tiveram que ir embora – porque os bugres perseguiram quem agia assim”.

Quando seu pai, David Kammers, matava alguma caça, “sempre deixava um pedaço em algum lugar, para que os índios pudessem também comer”.

Gestos como este garantiam uma convivência pacífica dos homens brancos com os indígenas que foram os primeiros moradores de Imbuia.

Naquele tempo...

“Quando eu cheguei aqui, em 1940, esse lado de Imbuia não tinha 10 casas. Era tudo mato, a estrada era um picadão”, conta Manoel Bernardino de Andrade, sentado à cabeceira da mesa da cozinha, com o olhar voltado para várias fotografias que contam um pouco de seus 75 anos de vida, a maior parte vividos em Imbuia, cidade que adotou quando tinha 11 anos. Ele mora no centro da cidade.

Nascido em 29 de julho de 1929, em Bom Retiro, aos 11 anos de idade veio com sua família para Vista Alegre. Ele é o quarto filho de Bernardino Agostinho de Andrade e de Jordila Fermina de Souza, que tiveram outros 11.

Sua família, a exemplo de todas as outras que viviam em Imbuia, naquele tempo, plantava milho, feijão e batatinha. E foi em Imbuia que Manoel conheceu e se casou com Odília de Ávila de Andrade, há 53 anos atrás, quando participava da diretoria da igreja.

Com o passar do tempo, foi se engajando em ou-

tras áreas, como educação – foi professor em Campo das Flores e na Fazenda do Céu –, esporte – era ponta esquerda no time de futebol de Campo das Flores; um time que, segundo Manoel, “durou ‘um par de anos’” – e política.

A história de Imbuia registra que Emília Reitz Allein, nascida em 21 de novembro de 1931, na então localidade de Alto Rio dos Bugres, foi a primeira criança a nascer no atual município de Imbuia, filha de Adão Reitz e de Frida Erhardt Reitz:

“Quando eu ia na aula na Escola Mista, a cidade não tinha nada... A gente ia brincar na lagoa, pegar sapo, brincar nos tocos de imbuia que a gente usava para fazer casinha... A gente ia rezar o terço longe de casa, aos domingos, porque aqui ainda não tinha igreja...”.

Ela guardou na memória, nos poucos meses que frequentou a escola, o nome da professora Elisa Souza, e a imagem dos bancos escolares, “que eram para quatro pessoas”; bancos estes que seu pai, Adão Reitz, mandou fazer na localidade de Nova Alemanha.

As aulas começavam às 8 horas da manhã. Os mais de 40 alunos entravam na sala e tinham que cantar o Hino Nacional todo dia.

“Quem fazia coisa errada, era castigado: ficava na porta com chapéu grande, ficava de joelho... Com 14 anos, a gente ainda brincava como crian-

ça. Eu jogava bola com os rapazes e com os meus primos, era sempre a goleira. Minha mãe, um dia, me perguntou: “Tu não tens vergonha?”. Meu pai também não deixava a gente dançar na Imbuia. Só fora, quando a gente ia pra outro lugar, mas isso era difícil acontecer. Quando a gente ia até Nova Alemanha ou Samambaia passear, tinha que estar em casa antes do sol se pôr”.

Imbuia era uma cidade com muitos pés de pinheiro:

“A gente ia juntar pinhão, enchia as saias de pinhão. A gente assava para comer, fazia fogo e cozinhava o pinhão na chapa, quando ainda nem tinha fogão em casa: o ‘fogão’ era uns varões de ferro e de madeira, com um caldeirão pendurado na ponta, que ficava erguido em cima do fogo de chão. O fogo de chão era feito dentro da cozinha, que era quase toda aberta. Isso até que meus pais conseguiram comprar uma chapa, e então não precisavam mais pendurar o caldeirão em cima do fogo de chão”.

Trabalhar na roça era obrigação dos pais, de Emília e de seus quatro irmãos, que plantavam milho, feijão, aipim, batatinha, “de tudo o que existia”. Faziam polvilho, ralavam aipim, tinham roda d’água...

“Meu pai sempre tinha uns trocadinhos na carteira, e quando vinham os lageanos da serra, ele sempre comprava charque, que nunca faltou lá em casa”.

Um dos irmãos de Emília, Adão Reitz – que hoje vive no Paraná – era o mais peralta da família:

“Botava fogo no colchão de palha, fazia de tudo... Um dia, minha mãe vendeu umas coisas e guardou o dinheiro que recebeu debaixo do ninho da galinha. Cheguei da missa e senti o cheiro da fumaça. Quando vi o ninho da galinha pegando fogo – obra do meu irmão –, tirei água do poço e joguei em cima, depois fui correndo avisar minha mãe. Foi então que ela me contou que tinha guardado dinheiro lá, mas ainda deu tempo de a gente salvar o que ela tinha recebido. O dinheiro só estava um pouco chamuscado nas pontas”.

Dona Emília ainda se lembra “que as pessoas faziam fretes de carroça, que eram puxadas por até cinco cavalos. Puxavam feijão pela estrada estreitinha... Meu pai abriu estradas com enxadão, num tempo em que Imbuia tinha uma vendinha ou outra e a gente não conhecia açúcar branco. Meu pai ajudou a construir a primeira igreja”.

Aos 24 anos, Emília se casou com Balduino Allein. O casamento foi realizado em Ituporanga “porque a igreja de Imbuia ainda não estava pronta”.

Antes de se casar, Emília trabalhava com seu pai na roça, derrubando capoeira, e depois de casada continuou trabalhando na roça com o marido, até se decidir a trabalhar com corte e costura. Depois de casada, morou por vários anos em Alto Ivaí, e no final de 2003, depois da morte

do marido, voltou a morar em sua antiga casa, no centro de Imbuia.

Quando chegou em Imbuia para morar com sua família, em 1942, Saul Alves tinha 15 anos. Ele veio com seus pais, José Marcolino Alves e Ana Marciana Pires Alves, procedentes de Tubarão.

No atual centro da cidade, existiam as casas de Horácio Machado, Antônio Porto, Gino Campos, José Vicente... “E o resto era tudo mato. Nós trabalhamos muito, derrubando mato, a gente botava fogo, queimava e ia abrindo a praça”, ele conta.

Na região que denomina “mais para a colônia”, Saul Alves lembra que moravam Nicolau Reitz, Domenico Reitz, João Reitz, Frederico Reitz, Adão Reitz, Antônio Allein, Nicolau Allein, Pedro Teixeira, Manoel Leocádio...

Perguntado sobre as razões que levaram sua família a deixar Tubarão e se transferir para Imbuia, Saul lembrou de um episódio que marcou para sempre a sua vida e a vida de seus pais:

“Meu pai jogava carta. Ele costumava jogar em Armazém, onde ele tinha um compadre, que eles chamavam de Macaco. Meu pai sempre ia lá, jogava carta com uns homens negros, também; eles jogavam dia e noite. Um dia, esses homens pegaram meu pai e picaram de faca. Meu pai entrou por baixo de uma cerca e caiu para o outro lado”.

Um dos homens disse: “Vamos lá, picar ele em pedaços!”.

Mas, o outro não concordou: “Não precisa, ele já está morto, não sente mais nada, não adianta!”.

Os homens foram embora. Um compadre da vítima, que era dono do boteco, o socorreu e o levou para fazer curativos.

Com a voz embargada, Saul descreve o momento em que seu pai entrou ferido em casa:

“Ainda me lembro, que nem hoje, quando ele entrou em casa todo cortado... O delegado foi falar com o meu pai, perguntando se ele queria registrar queixa e *dar condena* para os negros. Meu pai disse para o delegado que a *condena* ele ia fazer pelas próprias mãos”.

Passado o susto, José Marcolino voltou a frequentar o mesmo boteco e a jogar cartas, até o dia em que voltou a se encontrar com os negros que acreditavam tê-lo assassinado.

“Aquele dia, nós fomos embora pensando que tu estivesse morto, hoje nós queremos te tirar o couro e vamos te matar de verdade”, anunciou um dos homens.

José Marcolino fugiu, escondendo-se debaixo do assoalho de uma casa. Sacou seu revólver e deu um tiro, acertando uma das pernas de um dos negros. Os outros dois fugiram, deixando o par-

ceiro caído. Ninguém prestou socorro. No dia seguinte, os outros negros vieram buscar aquele que estava baleado, e o levaram para o hospital, onde ele morreu.

José Marcolino se apresentou espontaneamente para a polícia, mas não foi preso, nem recebeu nenhuma condenação. Cinco anos depois, quando Saul estava com 10 anos de idade, numa quinta-feira santa, de noite, 10 policiais foram até sua casa e levaram seu pai para a cadeia, onde ficou preso por três meses.

A família contratou um advogado, que o libertou. A partir de então, José Marcolino colocou suas terras à venda e veio embora para Imbuia.

Saul trabalhou como operário braçal da Prefeitura de Imbuia por 20 anos: "A gente cuidava da estrada, daqui até quase Ituporanga", lembra Saul, que é casado com Alvina da Silva Alves. Um dos filhos do casal é o ex-prefeito de Imbuia, Valdir Alves.

Nascido em Bom Retiro, em 10 de novembro de 1926, Roberto Borges dos Santos Júnior fica com olhar marejado quando relembra as circunstâncias da morte de seu pai, vítima de paratifo aos 45 anos de idade.

Roberto Borges dos Santos deixou viúva Ana Machado dos Santos e seus 11 filhos, que tiveram que assumir o trabalho no engenho de farinha de mandioca e de milho. Eles produziam tan-

to para o consumo da família quanto para a venda. "Três dias depois de pegar paratifo, meu pai morreu. Em Leoberto Leal, um homem que construía casas me contou que em uma tifa puseram fogo nas casas porque quando algum morador pegava paratifo, todos que moravam com ele também pegavam. Alguns morriam, outros não", contou Roberto Júnior.

"Ao saber da morte de meu pai, meu tio queria participar do funeral. Ele montou um cavalo e foi até Catuíra, onde a gente morava".

Quando chegou na casa de um cunhado dele, o cunhado quis saber aonde ele ia: "Eu vou lá no Roberto", respondeu.

"Não vai pra lá, rapaz, tu vais querer pegar uma doença medonha dessas? Tu vais voltar!", aconselhou o homem, num misto de alerta e de ameaça.

Desistindo da viagem, o tio pegou os 20 mil réis que estava trazendo para a família do morto e deixou aos cuidados daquele homem, para que ele fizesse chegar até as mãos da viúva.

"Meu tio foi embora, mas foi embora contrariado porque ele não conseguiu se despedir do irmão que tinha morrido. Em 20 dias, meu tio morreu também. O breque da carroça que ele conduzia se quebrou, quando ele estava descendo um morro", contou Roberto.



GRUPO ESCOLAR FREI MANOEL PHILIPPI



2.

O município de Imbuia

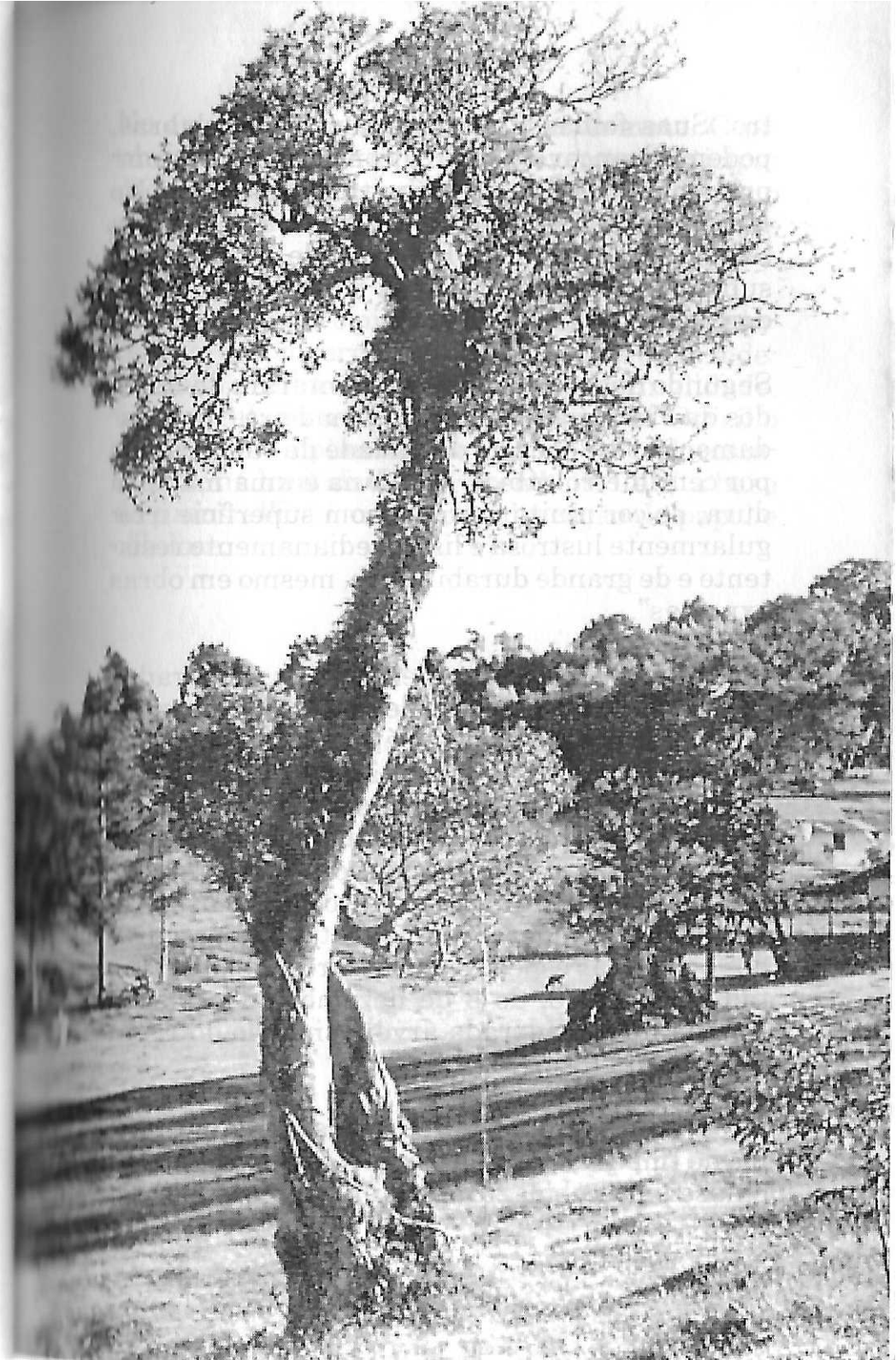
A Imbuia, nosso símbolo

O que você sabe sobre a árvore que empresta seu nome ao nosso município?

A Imbuia tem como nome científico *Ocotea porosa*, da família das *Lauraceaes*. Tem vários nomes populares:

imbuia
embuia
canela-imbuia
imbuia-clara
imbuia-parda
imbuia-preta
imbuia-amarela
imbuia-rajada
imbuia-lisa
imbuia-brasina
imbuia-revessa
umbuia
imbuia-zebrina

Ela pode crescer até 15 ou 20 metros de altura, com tronco de 50 a 150 centímetros de diâme-



tro. Suas folhas finamente coriáceas, glabras, podem alcançar de 6 a 10 centímetros de comprimento por 1,5 a 2 centímetros de largura. No Brasil, encontramos esta árvore no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, nas submatas dos pinhais e nas partes mais elevadas da encosta Atlântica.

Segundo dados do Instituto Plantarum de Estudos da Flora, a Imbuia é uma madeira “moderadamente pesada, com densidade de 0,65 gramas por centímetro cúbico, a Imbuia é uma madeira dura, de cor muito variada, com superfície irregularmente lustrosa e lisa, medianamente resistente e de grande durabilidade, mesmo em obras expostas”.

É também “uma das madeiras mais procuradas para confecção de móveis de luxo, principalmente pela sua beleza. Também é muito utilizada para construção civil, na confecção de tacos, esquadrias, lambris para obras expostas (dormentes, pontes e mourões), para marcenaria de luxo, laminados e carpintaria. A árvore é bastante ornamental e pode ser usada com sucesso no paisagismo em geral”. Seus frutos são procurados por várias espécies de pássaros. Pela Lei Estadual nº 6.473, de 3 de dezembro de 1984, a Imbuia foi considerada árvore símbolo do Estado de Santa Catarina.

A atividade primária predominante no município de Imbuia continua sendo a agricultura, com ênfase para cebola, fumo, milho, feijão e batata.

No extrativismo, destaca-se a erva-mate. O pinheiro, a imbuia e a peroba já tiveram participação destacada na indústria madeireira local, o que levou à beira da extinção de nossas matas nativas.

Para substituir o pinheiro (araucária), houve incentivo dos governos municipal, estadual e federal para o reflorestamento. Para esta finalidade, foi contratada a empresa Manville, de Otacílio Costa, que implantou um projeto de reflorestamento, na localidade de Fazenda do Céu, a base do *pinus elliotti*, usado na fabricação de papel e celulose.

De distrito a município

Em 17 de maio de 1958, foi criado o Distrito de Imbuia. A história guardou as identidades e funções das pessoas que ocuparam cargos pioneiros.

Intendente distrital: Manoel Galdino Inocêncio.

Juiz de paz: Mário Aparício.

Escrivão de paz: Ernestino Sens.

Delegado de polícia: Alfredo de Souza.

Inspetor de quartirão: Valdemiro Luiz Capistrano.

Reivindicando a emancipação

Em 14 de abril de 1962, “os eleitores de Imbuia, numerados de 1 a 358, fizeram um abaixo-assinado, no qual desejam a criação do município de Imbuia, distrito do mesmo nome, que no ano de



As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pela movimentação política que levou à emancipação de Imbuia

1962, no mês de abril ainda pertencia a Ituporanga. Então, estes abaixo-assinados foram remetidos à Câmara de Vereadores do município de Ituporanga, para o Sr. Arno Alex Zimmermann, presidente da Câmara, onde a Câmara municipal aprovou, sendo promulgada a Resolução nº 16, de 23/08/1962, onde fica criado o município de Imbuia”, relatou Sandra Scheidt.

Futuro primeiro prefeito eleito de Imbuia, Valdemiro Luiz Capistrano (PSD) participou ativamente desta campanha, ao lado de Afonso Hoffmann.



Imbuia, década de 1960: município recebeu visita do governador Ivo Silveira e do deputado federal Antônio Carlos Konder Reis, que discursaram diante do prédio da Prefeitura.

Resolução nº 16

“CRIA O MUNICÍPIO DE IMBUIA, DESMEMBRADO DO MUNICÍPIO DE ITUPORANGA”

O vereador Arno Alex Zimmermann, Presidente da Câmara de Vereadores do município de Ituporanga, de conformidade com o inciso IX, do artigo 63, da Lei Orgânica dos Municípios do Estado de Santa Catarina (Lei nº 22, de 14 de novembro de 1946).

Faço saber a todos os habitantes deste Município, que a Câmara de Vereadores aprovou e eu promulgo a seguinte

RESOLUÇÃO:

Artigo 1º - Fica criado o Município de Imbuia, desmembrado do Município de Ituporanga.

A criação do município

A Lei nº 930, de 23 de julho de 1962, criou o município de Imbuia, cuja instalação oficial se deu em 10 de setembro de 1962.

“Eu estava lá”, conta Aloysio Kammers, que confessa: “Na verdade, muitas pessoas não acreditavam que Imbuia pudesse se tornar um município: eram poucos moradores, eram poucas casas...”.

Saul Alves também acompanhou o processo de emancipação político-administrativa de Imbuia. Com a vitória de Capistrano, concorrendo com Nilo Bernardo, Saul começou a trabalhar na prefeitura: “Naquele tempo, não tinha documento, não tinha nada, era tudo tocado assim, meio na conversa... A cidade não tinha energia elétrica... Até tinha um tal de Andrade, que morava ali também, conseguiu um dínamo tocado a motor. Assim que o Capistrano assumiu, ele conseguiu com ajuda de um deputado de Rio do Sul puxar a rede de energia aqui dentro de Imbuia”.

A cidade não tinha asfalto, prossegue Saul Alves: “Isso aqui era tudo banhado; dia de chuva era uma coisa exagerada”. A campanha eleitoral era feita de casa em casa: “Até para essa primeira campanha, conseguiram um jipe velho, lá de Bom Retiro, que ficou servindo aqui por uns dois meses. Era uma coisa divertida, naquele tempo. Meu pai carneava, nós matamos três bois no dia da eleição, para os dois partidos. O cara ia lá, votava, vinha cá e comia um churrasco. Era uma coisa, era festa. Hoje, não tem mais isso”.

O brasão e a bandeira

Em 3 de outubro de 1972, o prefeito José Horácio Laurindo sancionou a Lei nº 78, que “dispõe sobre a confecção, descrição e denominação do Escudo e das Cores da Bandeira do Município de Imbuia”. Determinava a lei, em seus principais artigos e incisos:

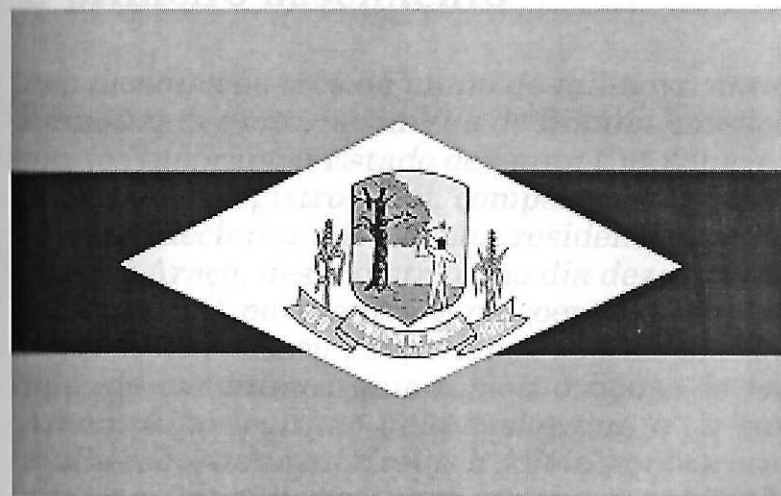
Artigo 1º : Fica o Poder Executivo autorizado a confeccionar a Bandeira do Município de Imbuia.

Artigo 2º : A confecção da Bandeira, do que trata o artigo anterior, será obedecido ao seguinte critério:

§ 1º : As cores serão: VERDE, AZUL e BRANCO, sendo que o verde e o azul constarão horizontalmente na Bandeira, estando o azul intercalado entre as faixas verdes laterais.

§ 2º : O branco constará de um losango, e este estará no centro da Bandeira.

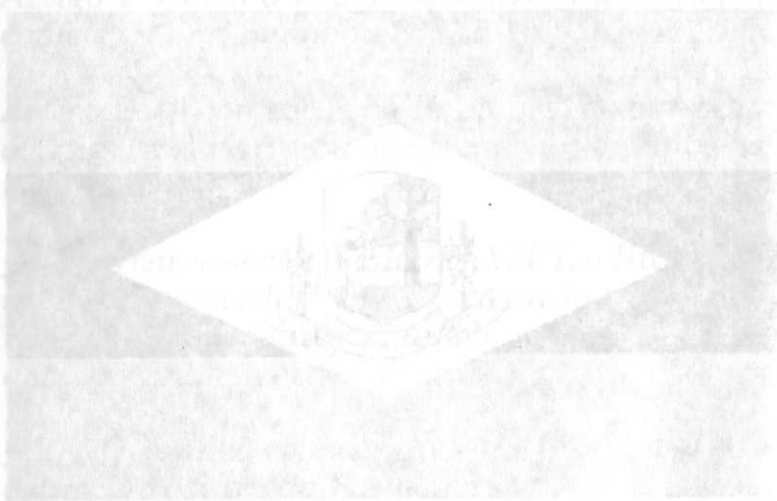
§ 3º : O escudo encontrar-se-á localizado no centro do losango.



Artigo 3º : O verde representa as nossas matas, o azul o horizonte e o branco a paz e a tranqüilidade.

Artigo 4º : No escudo o índio (Bugre), representa os primeiros homens que aqui habitavam; a árvore a enorme quantidade de Imbuia existente nesta localidade; o pássaro, a abundância da caça; os ramos de trigo simbolizam a fertilidade do solo; e na orla inferior do Escudo está em cor vermelha, temos impresso em letras brancas, "Município de Imbuia, Santa Catarina; em amarelo, 10.09.1962, que expressam a data da emancipação política deste Município.

Artigo 5º : As cores oficiais do Município são: VERDE, AZUL e BRANCO.



§ 3º : O escudo do município

O Cartório de Paz

Implantado no final da década de 1950, o Cartório de Paz de Imbuia, então distrito de Ituporanga, registrou os primeiros documentos oficiais da história de nosso município. Respeitada a ortografia original.

O primeiro nascimento

Aos dez dias do mês de junho de mil novecentos e cinqüenta e oito, nesta Vila de Imbuia, município de Ituporanga, Estado de Santa Catarina, no cartório de Registro Civil, compareceu Lindolfo Allein e declarou que em sua residência, no lugar Rio Araçá, deste distrito, no dia dezanove de maio de mil novecentos e cincoenta e oito, às cinco horas, nasceu uma criança do sexo masculino, de cor branca, que tomou o nome de Ivo Allein, filho legítimo dele declarante e de sua mulher, dona Maria Kreuzsch Allein, ambos brasileiros, lavradores, casados no cartório de Ituporanga, domiciliados e residentes no lugar denominado Rio Araçá, deste distrito de Imbuia.

Cartório de Paz
Ano de 1904, dia do mês de Junho de mil novecentos e cinquenta e oito
muito Vila de Imbuia Município de Ituporanga de Santa Catarina
no Cartório do Registro Civil compareceu Lindolfo Allein
e declarou que em sua residência, no lugar Rio Arcaçá
deste distrito municipal, no dia do presente de Maio de mil novecentos
e oitenta e oito, no número de 1000, hora
passou uma criança do sexo masculino, de cor branca, que tem
o nome de: João Allein
filho legítimo do declarante e de sua mulher
dona Maria Kreuzsch Allein, ambos brasileiros
casados, no município de Ituporanga,
domiciliados e residentes no lugar de Imbuia,
Rio Arcaçá deste distrito de Imbuia.

{ } { } { } { } { } { } { }

São avós paternos Nicolau Allein e Verônica Jönck
e maternos José Kreuzsch e Maria Madalena
May. E para constar, faço este
termo que lido e achado conforme vai assinado pelo declarante e pelas
testemunhas José Laurindo Machado e
Valdemiro Truppel, ambos industriais
domiciliados e residentes nesta Vila. É por
mim Ernestino Sens, oficial do registro civil
que escrevi:

Valdemiro Truppel
José Laurindo Machado
Oficial Ernestino Sens.

São avós paternos Nicolau Allein e Verônica Jönck, e maternos José Kreuzsch e Maria Madalena May. E para constar, faço este termo que, lido e achado conforme, vai assinado pelo declarante e pelas testemunhas José Laurindo Machado e Valdemiro Truppel, ambos industri-

ais domiciliados e residentes nesta Vila. E por mim, Ernestino Sens, oficial do registro civil, que o escrevi.

A primeira escritura

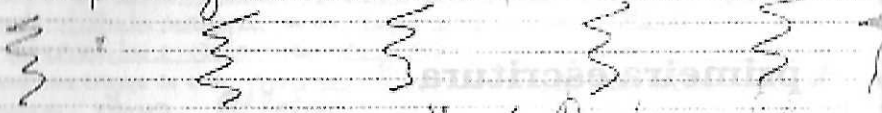
ESCRITURA PÚBLICA DE VENDA E COMPRA NA FÓRMA QUE SEGUE:

Saibam quantos esta pública escritura de venda e compra virem, que aos vinte e quatro dias do mês de junho do ano da Era Cristã de mil novecentos e cinqüenta e oito, neste distrito de Imbuia, Est. de S. Catarina, neste cartório de Paz e tabelionato compareceram partes entre si justas e contratadas, a saber: de um lado, como outorgante vendedor Marcos Antônio da Silva e sua , brasileiros, casados, lavrador e residentes em Serro Negro, distrito e município de Ituporanga; e de outro lado, como outorgado comprador, José Paulino Clasen, brasileiro, casado, lavrador, domiciliado e residente em Serro Negro, distrito e município de Ituporanga, conhecidos entre si e reconhecidos pelos próprios de mim, tabelião distrital, e das duas testemunhas adiante nomeadas e assinadas, estas também reconhecidas pelas próprias, perante as quais pelos outorgantes vendedores foi dito:

Que, a justo título e absolutamente livre e desembaraçado de quaisquer ônus, possui: um terreno próprio para agricultura, sem benfeitorias, com a área superficial de cinqüenta mil metros

Leitura publica de venda e compra na forma que segue:

SABAM quantos esta publica escritura de venda e compra virem, que nos dias do mes de Junho da ano de Era Crista de mil novecentos e cinquenta e nove, distrito de Imbuia, Est. de S. Catarina, neste cartorio de Paz e Trano, compareceram partes e as justas e contratadas a saber: de um lado, como outorgante vendedor Marcos Antonio da Silva e sua esposa brasileira casada, lavrador, residentes em Serra Negra, distrito e municipio de Ituporanga.



e de outro lado, como outorgado comprador Jose Paulino Brasil brasileiro, casado, lavrador, residente em Serra Negra, distrito e municipio de Ituporanga.

ambos entre si e reconhecidos pelos proprios de mim, Substituto do Juiz de Paz

e das duas testemunhas adiante nomeadas e assinadas, estas tambem reconhecidas pelos proprios de mim, outorgante e vendedor. Foi dito: Que, a justo titulo e absolutamente livre e desembaraçada, de qualquer oneraçao passiva, um terreno proprio para agricultura sem benfeitorias com area superficial de cinquenta mil metros quadrados (50.000 m2) situado no lugar denominado Fachinal de Vila Nova, distrito e municipio de Ituporanga, com as seguintes confrontações: Ao norte, com terras do comprador; ao Sul, com terras do comprador; ao Leste, com terras do vendedor; ao Oeste, com terras de Augusto Hintermann.



Que, o respectivo titulo de propriedade esta registrado no cartorio competente, no livro 8 tomos sob nr. 582 quinhentos e oitenta e dois nos, pelo preço certo e ajustado de Cr\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros).

que dos outorgados comprador confessa e declara haver recebido em moeda brasileira, de cujo preço lhe da plena e geral quitacao, vende a outorgado comprador como de fato vendida tem, o descrito, obrigando-se a outorgante vendedor a esta venda sempre boa, firme e valiosa e responder pela evicção, na forma da lei, podendo o comprador empregar-se desde ja de posse vendida, para a de transferir neste ato e a obrigaçao "constitutiva", todo o direito, usufruto, uso e posse que sobre o mesmo tenha exercido. Entre pelo outorgado comprador, ante as testemunhas, foi dito que aceita esta escritura e todas as suas termos por se achar a mesma de pleno accordo com o ajustado e contratado entre si e o vendedor, apresentando os documentos que possa a transcrever. Tendo do imposto de Transmissão de Bens Imóveis Cr\$ 480,00 e do imposto de Transmissão de Propriedade "Inter-Vivos" Cr\$ 100,00 Total Cr\$ 580,00. Estado de S. Catarina, Imposto de Transmissão de Propriedade "Inter-Vivos" Nr. 120448 Exercício de 1958. No respectivo livro "Auxiliar de Recõta" fica debitaõ o Capital pela quantia de Cr\$ 580,00.

quadrados (50.000 m2), situado no lugar denominado Fachinal da Vila Nova, distrito e municipio de Ituporanga, com as seguintes confrontações: Ao norte, com terras do comprador; ao Sul, com terras do comprador; ao Leste, com terras do vendedor; ao Oeste, com terras de Augusto Hintermann;

Que o respectivo titulo de propriedade esta registrado no cartorio competente, no livro nr. três, sob nr. quinhentos e oitenta e dois;

Que, pelo preço certo e ajustado de Cr\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros).

O primeiro casamento

Aos vinte e oito dias de junho de mil novecentos e cincoenta e oito, neste distrito de Imbuia, municipio e Comarca de Ituporanga, Estado de Santa Catarina, em Cartorio, às dez horas e trinta minutos, presente o Meritissimo Juiz de Paz e do Casamentos, João Ribeiro, comigo oficial do registro Civil, Ernestino Sens, foram recebidos em casamento, depois de Publicados os Editais de Proclamas, não havendo impedimento algum, foi declarado pelo Juiz de Paz, casados os nubentos Leopoldo Steinick, digo o Edital foi publicado aos 10 de junho de 1958, e dona Rainilda Bruch.

O nubento de nacionalidade brasileira, profissão lavrador, estado civil solteiro, de vinte e um anos

de idade, nascido em Garcia, município de São José, neste Estado, aos quinze de janeiro de mil novecentos e trinta e sete, residente e domiciliado neste Distrito de Imbuia, filho legítimo de Frederico Steinick e de Emília Ema Voermöhlen, ambos falecidos em data ignorada.

A contraente, dona Rainilda Bruch, nacionalidade brasileira, profissão doméstica, estado civil solteira, de dezoito anos de idade, nascida em São José, neste Estado, aos doze de julho de mil novecentos e trinta e nove, residente e domiciliada neste Distrito de Imbuia, filha legítima de Arnoldo Bruch e de Olga Huguen Bruch, nascidos em datas ignoradas, domiciliados e residentes neste Distrito.

A contraente, em virtude do casamento, passará a usar o nome de Rainilda Bruch Steinick. O regime adotado é o de comunhão universal de bens.

Exibiram os documentos exigidos pelo artigo 180, números I, II e III, do Código Civil, a saber: Certidão de idade de ambos os nubentos, declaração do Estado, domicílio e da residência atual dos contraentes e de seus Paes, declaração de duas testemunhas que atestaram não existir impedimento algum.

Do que lavrei este que lido e achado conforme vai devidamente assinado pelo presidente do ato: João Ribeiro, pelos nubentos e pelas testemunhas, Evelino Eger, casado, com 37 anos de idade, e Germano Hasse, casado, com 45 anos de idade, domiciliados e residentes neste Distrito.

Ano de 1951, de julho, de mil novecentos e cinquenta e sete, neste Distrito de Imbuia, Município e Comarca de Itaipava, em cartório, compareceu Germano Hasse e exhibindo atestado de óbito firmado por José Antônio de Jesus e José Augusto dando como causa da morte natural, declarou que no dia dezoito do mês de julho de 1951 um mulher casado em Imbuia no Distrito de Imbuia da Comarca de Itaipava faleceu
Presença da Sra. Rainilda Bruch
 do sexo Feminino, de cor Branca, profissão doméstica
 e ca, natural deste Estado
 domiciliado e residente em Imbuia
 com dezoito e sete anos de idade, estado civil solteira, filha legítima de Arnaldo e Olga
de Imbuia da Comarca de Itaipava
 O sepultamento da Sra. Rainilda Bruch
 no cemitério de Imbuia em 18 de agosto de 1951 com 48 anos de idade. Maria com 48 anos de idade. Germano com 37 anos de idade. Olga com 45 anos de idade. Arnaldo com 37 anos de idade. Cláudia com 37 anos de idade. Francisco com 37 anos de idade e mãe do de falecido de Imbuia da Comarca de Itaipava faleceu
 com Germano Hasse casado com 45 anos de idade
 e Germano Hasse casado com 45 anos de idade
 e Germano Hasse casado com 45 anos de idade
 e Germano Hasse casado com 45 anos de idade

Em quinze de agosto de mil novecentos e cinquenta e sete, neste Distrito de Imbuia, Município e Comarca de Itaipava, em cartório, compareceu Gaspar A. Eger e exhibindo atestado de óbito firmado dando como causa da morte natural, declarou que no dia quinze do mês de agosto de 1958 um homem casado em Imbuia no Distrito de Imbuia da Comarca de Itaipava faleceu
Mato Olegário
 do sexo masculino, de cor branca, profissão ---
 e ---, natural deste Estado
 domiciliado e residente em Imbuia
 com --- anos de idade, estado civil ---
 filho legítimo de Gaspar A. Eger e de seu nome

E por mim, Ernestino Sens, oficial do registro civil que o escrevi.

O primeiro óbito

Em seis de julho de mil novecentos e cinquenta e oito, neste Distrito de Imbuia, Município e Comarca de Ituporanga, em cartório, compareceu Germano Capistrano Ferreira e exibindo atestado de óbito firmado por José Antônio de Farias e José Figueredo, dando como causa da morte natural, declarou que no dia seis do mês de julho de um mil novecentos e cinquenta e oito, em domicílio no lugar Samambaia, deste Distrito, faleceu Crecência da Silva Capistrano Ferreira, do sexo feminino, de cor branca, profissão doméstica, natural deste Estado, domiciliada e residente em Samambaia, deste Distrito, com sessenta e sete anos de idade, estado civil casada, filha legítima de Manoel da Silva e de dona Deolinda Santos Sá da Silva, ambos falecidos.

O sepultamento da finada vae ser feito no cmitério católico de Imbuia e a mesma deixou os seguintes filhos, os quais são: Fernando, com 48 anos de idade; Manoel, com 47 anos de idade; Germano, com 45 anos de idade; Alvito, com 43 anos de idade; Valmor, com 37 anos de idade; Ana, com 36 anos de idade; Osvaldo, com 31 anos de idade; Diolindia, com 29 anos de idade; Olindino, com 27 anos de idade; Francisco, com 24 anos de idade; e não deixando bens a

inventariar, e era casada com Hercílio Capistrano Ferreira. Dou que para constar lavrei este termo que vae assinado pelo declarante. E por mim, Ernestino Sens, oficial do registro civil, que o escrevi.

A primeira procuração

PROCURAÇÃO bastante que faz Antônio Ferreira ao sr. Valdemiro Luiz Capistrano.

SAIBAM os que este público instrumento de procuração bastante virem que aos dezoito dias do mês de agosto do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e cinquenta e oito, nesta cidade de Imbuia, sede da Comarca do mesmo nome, Estado de Santa Catarina, perante mim, Ernestino Sens, compareceu como outorgante deste instrumento Antônio João Ferreira, brasileiro, casado, lavrador, residente e domiciliado neste Distrito, analfabeto, assinando a seu rogo Valdemiro Teodoro Truppel, reconhecido como o próprio pelas duas testemunhas adiante nomeadas e assinadas, perante as quais disse que, por este público instrumento nomeava e constituía seu bastante procurador o sr. Valdemiro Luiz Capistrano, brasileiro, casado, agricultor, domiciliado e residente neste Distrito, para o fim especial de junto à Agência do Banco do Brasil S.A. deste Estado, retirar pelo outorgante como si presente fosse, o numerário que faz jus referente a uim empréstimo Agrícola e Pecuária, feito pelo outorgante;

COMARCA DE Ituporanga



ESTADO DE SANTA CATARINA

Distrito de Imbuia

PROCURAÇÃO bastante que faz Antonio José Moreira de Souza
Valdemiro Luiz Capistrano

SAIBAM os que este público instrumento de procuração bastante vi-
ram que nos dezoito dias do mês de agosto
do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecen-
tos e cincoenta e oito nesta cidade de
de Imbuia sede da Comarca do mesmo nome, Estado de
Santa Catarina, perante mim Ernestino Sens compareceu
como outorgante deste instrumento Antonio José Morei-
ra, brasileiro, casado, lavrador residente
e domiciliado neste Distrito, analfabeto, as-
sinando a seu a cargo Valdemiro José de
Truppel

(Assinaturas manuscritas)

reconhecido como o próprio pelas duas
testemunhas adiante nomeadas e assinadas, perante as quais
diz-se que, por este público instrumento nomeava

e constituía seu bastante procurador o sr. Valdemi-
ro Luiz Capistrano, brasileiro casado, agri-
cultor, domiciliado e residente neste Distrito
para o fim especial de junto a Agência
do Banco de Brasil S.A. deste Estado, retirar
pelo outorgante como se presente fosse o
numerário que faz jus referente a um
empréstimo Agrícola e Pecuária, feito pelo
outorgante; podendo o seu dito procurador
para isto assinar qualquer documento,
assinar e endossar cheques, passar e
assinar recibos dar quitação firmar

podendo o seu dito procurador para isto assinar
qualquer documento, assinar e endossar cheques,
passar e assinar recibos, dar quitação, firmar
documentos bancários que for exigido, requerer
o que se fizer mister e praticas, enfim tudo mais
que se julgar conveniente e preciso para o cabal
desempenho deste mandato, inclusive os pode-
res da cláusula AD JUDITIA, o que seu dito pro-
curador fizer.

Assim o disse e me pediu este instrumento, que
lhe li perante as testemunhas, Vendolino Antô-
nio Porto e Heitor Ribeiro, residentes neste Dis-
trito, e sendo achado conforme, aceitou, outor-
gou e assina com as mesmas testemunhas reco-
nhecidas de mim, Ernestino Sens, escrivão de
notas do Distrito de Imbuia, município e Comarca
de Ituporanga, que o subscrevi, dou fé e assino
em público.

Nossa vida em Imbuia

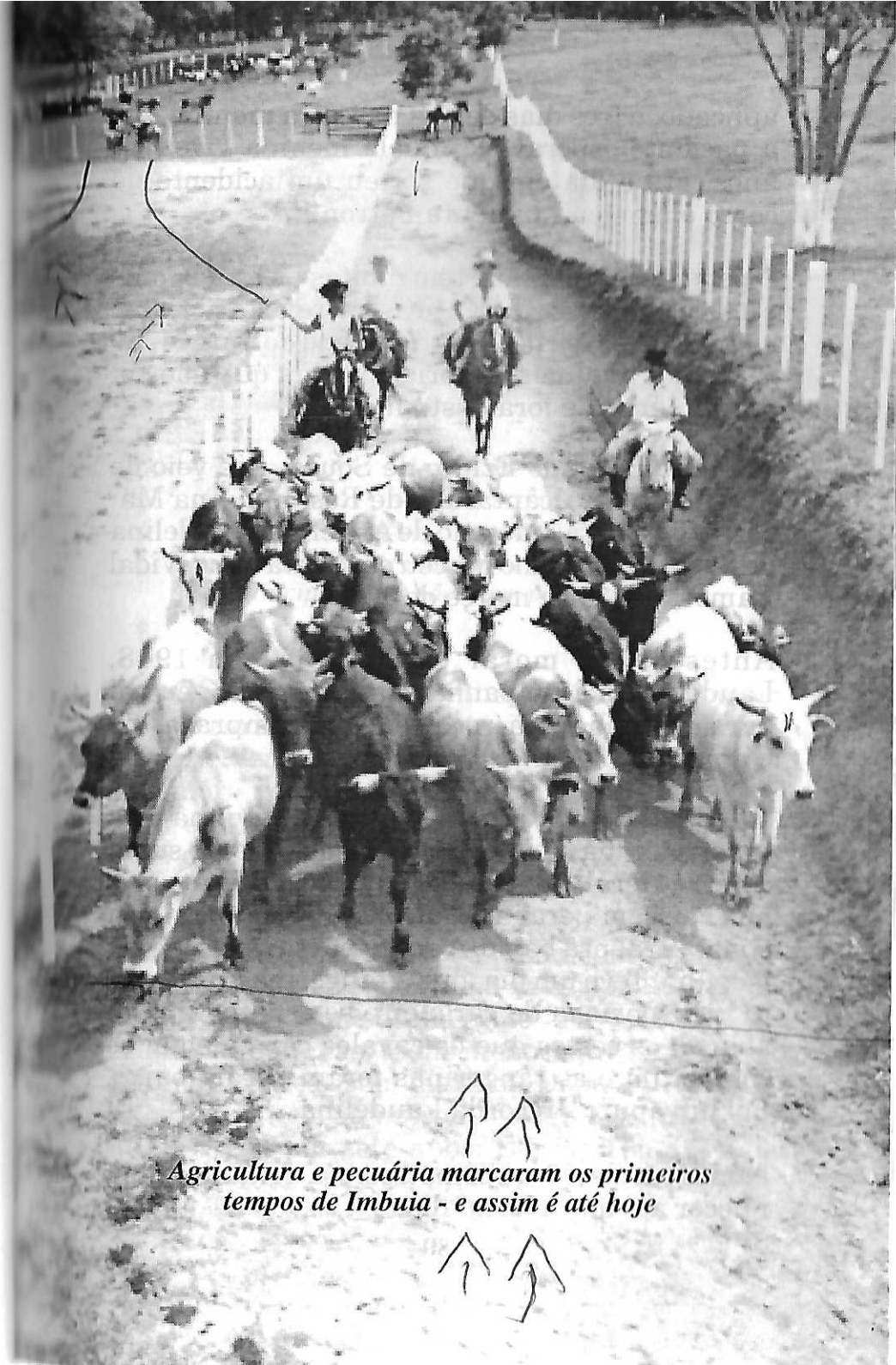
Imbuia, 1962. Na Farmácia Imbuiense, de José Horácio Laurindo, alguém entrou avisando que uma mulher havia sido picada de cobra, em Campo das Flores, e precisava de socorro.

A situação era crítica: a mulher estava grávida, o nascimento da criança estava programado para acontecer num prazo máximo de três dias. Laurindo e o farmacêutico prático Rosalvo trocaram algumas palavras, antes de agir – pois era necessária aplicação de soro antiofídico.

A casa da mulher ficava longe, a única estrada estava praticamente intransitável por carroças, por causa das últimas chuvas...

“Mas nós temos que defender a mulher e a criança!”, argumentava Laurindo, que decidiu ele mesmo ir até lá e aplicar o soro.

“Naquela época, aplicavam-se injeções ao redor do umbigo de quem era picado de cobra”, lembra hoje a viúva Petronília Laurindo. Mas, a história não poderia ter tido melhor desfecho: o soro foi



Agricultura e pecuária marcaram os primeiros tempos de Imbuia - e assim é até hoje

aplicado, e três dias depois nasceu a menina que a paciente esperava. “Aquela menina viveu 17 anos, até o dia em que sofreu um acidente de carro e morreu”, lamenta Petronília.

A população de Imbuia tem muitas histórias como esta para contar. Durante as entrevistas que realizamos nas localidades e na sede do município, reunimos algumas histórias de vida que não poderiam ficar de fora deste livro.

Filha de Bertoldo Ezidro de Souza, que veio de São Pedro de Alcântara, e de Rosalina Ana Machado de Souza, que veio de Angelina, Laudelina de Souza Capistrano nasceu em Santa Cruz, Vidal Ramos, em 13 de março de 1933.

Antes de vir morar em Imbuia, em 1948, Laudelina já acompanhava as vindas de seu pai para trabalhar na roça que ele comprara, no Garrafão.

“De Vidal Ramos, era uma picada que vinha pela Invernadinha, hoje São Domingos. Agente subia a Serra Geral, puxando os cavalos, para que eles não caíssem peral abaixo. Porque era peral pra cima, peral pra baixo. A gente passava só naquele trilho. Teve um dia, que a tangerina que a gente transportava de cargueiro se espalhou peral abaixo: os cestos que os cavalos carregavam se romperam e as tangerinas foram peral abaixo. Foi um apuro”, recorda Laudelina.

A viagem de 20 quilômetros era feita do amanhecer até quase meio-dia.



O centro urbano de Imbuia, nos tempos em que as principais ruas não eram pavimentadas

“No Garrafão, a gente tinha indústria e comércio: serraria, atafona, piladeira (que descascava arroz) e venda”, conta Laudelina. “Faz 22 anos que moro no centro de Imbuia. Quando cheguei aqui era só mato: tinha duas casas de negócio, uma delas era do avô do prefeito Antônio Oscar Laurindo”.

Aos 17 anos, Laudelina se casou com Francisco Capistrano, que morreu em 5 de abril de 1982, aos 55 anos, vítima de derrame: “Fiquei com nove crianças pequenas, todas menores de idade; criei minhas crianças sem marido”. Depois de ficar 11 anos viúva, casou-se com Olímpio Franz, com quem viveu por sete anos. Ele morreu em 5 de abril de 1999, aos 82 anos, também vítima de derame.



Acima: solenidade cívica diante da antiga Prefeitura de Imbuia, na década de 1960.

Abaixo: a população sai às ruas para fazer suas reivindicações



Operários trabalham no embelezamento da cidade

Dificuldades com transporte

Os transportes eram prejudicados pelas más condições das estradas – ou pela falta delas, como lembra Saul Alves:

“A gente ia daqui a Ituporanga, se tinha alguma coisa pra vender. Em Imbuia, existiam apenas dois comerciantes, José Vicente e Neco Bueno. Era tudo feito com carroça. Levava dois dias pra ir e voltar a Ituporanga. Também tinha carro de boi... Minha mulher viajou daqui para Ituporanga de carro de boi, com o pai dela. A estrada era só aquele trilho de passar a carroça. Carro não existia”

Tempos depois, Matias Pereira comprou um car-



Os dois prédios da Prefeitura de Imbuia. Acima, o primeiro deles, na década de 1960. Abaixo, o atual, que além da Prefeitura Municipal abriga a Câmara de Vereadores



ro antigo, semelhante a um ônibus, que funcionou como pioneiro do transporte coletivo local.

Saul Alves recorda que este transporte coletivo atuava “fazendo um trajeto por fora, pela Vista Alegre, descendo o rio dos Bugres, saindo lá embaixo onde hoje tem o asfalto”.

A precariedade das estradas, até então, eram um tormento para os agricultores: “Até as carroças sempre encalhavam...”. As autoridades que passaram a visitar Imbuia, a partir de sua emancipação, se deslocaram de Florianópolis até aqui, *comendo muita poeira pelo caminho.*

Nossos prefeitos

Nomeado pelo governador do Estado, Avelino Ludwig tomou posse como prefeito provisório de Imbuia, até a realização de suas primeiras eleições.

Desde então, foram eleitos os prefeitos:

Valdemiro Luiz Capistrano
José Horácio Laurindo
Liberto Pedro Scheidt
Raul Goedert
Nelson Guckert Scheidt
Valdir Alves
Antônio Oscar Laurindo

Avelino Ludwig

Prefeito provisório (1962-1963), nasceu em Ituporanga, Santa Catarina, em 28 de junho de 1924, filho de José Ludwig e de Matilde Schmidt Ludwig. Casado com Leny Mello Ludwig, com quem teve quatro filhos: Vilson, Cilene, Volnei e Ana Maria. Na época de sua nomeação, o alfaiate Avelino Ludwig era filiado ao Partido Social Democrático (PSD). Entre as atividades que desenvolveu como prefeito provisório, estão o cadastramento das casas comerciais e o início da cobrança dos impostos, sendo que os recursos arrecadados eram usados na conservação das estradas. Construiu pontes e abriu novas estradas.



Valdemiro

Luiz

Capistrano

Primeiro prefeito eleito (1963-1969), nasceu em Campo Novo, Bom Retiro, Santa Catarina, em 8 de outubro de 1919, morreu em 3 de fevereiro de 1999. Filho de Luiz Capistrano e Maria Venâncio Ferreira Capistrano,



era casado com Maria Cristina de Andrade Capistrano, com quem teve 14 filhos: Petronilha, Dival, Lourival, Laureci Maria, Juvenal, Maria, Luiz Neto, Terezinha, Aldo, Aldoliro, Oldemar, Ivanor, Ivanildo e Ivânio. Durante sua gestão como prefeito, adquiriu no centro da cidade uma área onde havia um prédio em construção e que, quando concluído, abrigou a Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, Centro Telefônico, Biblioteca Pública Municipal, Centro de Saúde, Delegacia de Polícia, Presídio Municipal, Junta de Alistamento Militar e Garagem Municipal. Implantou iluminação pública, abriu estradas intermunicipais, implantou o primeiro grupo escolar estadual. No início da década de 1980, foi diretor da Casan local. Foi filiado à União Democrática Nacional (UDN), Partido Social Democrático (PSD) e Aliança Renovadora Nacional (Arena).

José Horácio

Laurindo

Prefeito eleito para os mandatos de 1969-1973, tendo como vice-prefeito Pedro Valdemiro Gorges, e 1983-1989, tendo como vice-prefeito Osvaldo Azildo Machado. Nasceu em Bom Retiro, Santa Catarina, em 19 de setembro



de 1934, e morreu em Imbuia, em 17 de novembro de 1992. Filho de Horácio Laurindo e Vitória Laurindo, foi casado com Petronília da Silva Laurindo, com quem teve seis filhos: Maria de Lurdes, Antônio Oscar, Rita de Cássia, Pedro José, Luís Carlos e Helena Verônica. Veio com sua família para Imbuia em 1940. Foi filiado à União Democrática Nacional (UDN), ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e ao Partido Democrático Social (PDS). Teve atuação exemplar nos setores da saúde, educação, transportes, habitação e agricultura, destacando-se pelas ações que viabilizaram a construção do posto de saúde e do hospital municipal, a implantação do transporte escolar, manutenção das estradas municipais e dos agricultores, a pavimentação de vias urbanas e a construção de casas populares.

Liberto Pedro Scheidt

Prefeito eleito (1973-1977), tendo como vice-prefeito Aníbio Cecílio Domingos da Silva. Nascido em Alto Vargedo, Nova Trento, Santa Catarina, em 5 de agosto de 1933, morreu em 21 de fevereiro de 1980.



Filho de Alberto Scheidt e Alvina Sell Scheidt, era casado com Milda Sell Scheidt, com quem teve seis filhos. Quando de sua gestão, Imbuia contava com apenas 1.277 eleitores, o município arrecadava muito pouco, o que o impediu de realizar algumas obras que considerava essenciais. Várias vezes, auxiliou doentes com recursos próprios, e os transportou em seu carro particular até os hospitais mais próximos. Durante sua gestão como prefeito de Imbuia, adquiriu uma patrula e um caminhão caçamba, usados nas obras de melhoria das estradas..

Raul Goedert

Prefeito eleito (1977-1983) pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), tendo como vice-prefeito Ademar Drabzinski. Nascido em Bom Retiro, Santa Catarina, em 12 de setembro de 1934, morreu em 26 de julho de 1995. Filho de Jacob Ber-



toldo Goedert e de Helena Walter Goedert, transferiu-se para Imbuia em 1973. Era casado com Lúcia Possenti Goedert, com quem teve 13 filhos: Armelinda de Fátima, Arlindo, Marly de Fátima, Reinilda Aparecida, Reinaldo, Alcides, Ivonésio, Catarina de Lourdes, Edson, Donizeti, Salésio, Marilene e Lucilene. Eleito prefeito de Imbuia com 75% dos votos, incrementou os setores de transportes e obras, educação e esporte, recebeu o plano desenvolvido pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral); através de convênio com o Funrural, adquiriu uma ambulância; ampliou a rede de energia elétrica, iluminação pública urbana e rural; implantou o sistema de Discagem Direta à Distância (DDD) junto a Telesc; assinou convênios com Acaresc e Casan.

**Nelson
Guckert
Scheidt**

Prefeito eleito para os mandatos 1989-1993, tendo como vice-prefeito Bernardino Claudino Rodrigues, e 1997-2000, tendo como vice-prefeito Ademar Drabzinski. Nascido em Leoberto Leal, Santa Catarina,



em 19 de fevereiro de 1945, é filho de Laudelino Alberto Scheidt e Olga Guckert Scheidt. Casado com Maria Marian Scheidt, com quem teve cinco filhos: Nardele, Zenaide, Deni, Volnei e Cláudio. Foi vice-presidente do Sindicato Rural antes de ser eleito prefeito de Imbuia, município para onde sua família se transferiu quando ele ainda era criança. Foi filiado ao Partido Democrático Social (PDS) e Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Durante sua administração, prestigiou setores como educação, saúde, agricultura e saneamento básico; também ampliou a rede de telefonia – tanto na área urbana quanto na área rural.

Valdir Alves

Prefeito eleito (1993-1996) pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB), tendo como vice-prefeito Antônio Oscar Laurindo. Nascido em Imbuia, em 8 de agosto de 1951, é filho de Saul Alves e de Alvina da Silva Alves. Casado com Miriam Terezinha



Alves, com quem tem três filhos: Alexandre, André e Aline. Contabilista, formado em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foi secretário do diretório da Arena e delegado dos diretórios do PDS e PPR, presidente do PPB, vereador (1989-1992), e diretor administrativo e financeiro da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural e da Agricultura de Santa Catarina (1999-2002). Durante sua gestão como prefeito de Imbuia, destacou-se pela atuação nas áreas da educação (com ênfase para construções de educandários), saúde, assistência social (com auxílio às pessoas carentes) e agricultura, tendo sido o criador da Secretaria Municipal da Agricultura.

**Antônio
Oscar
Laurindo**

Prefeito eleito (2001-2004) pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB), tendo como vice-prefeito Neri Fermino. Nascido em Imbuia, em 11 de junho de 1960, filho de José Horácio Laurindo e Petronília da Silva



Laurindo. Casado com Maria Lourdes Tenfen Laurindo, com quem tem três filhos: Débora Fernanda Laurindo (falecida), Antônio Oscar Laurindo Júnior e José Horácio Laurindo Neto. Antes de ser eleito prefeito de Imbuia, foi vice-prefeito na administração de Valdir Alves (1993-1996) e candidato a prefeito na eleição seguinte (1997-2000). Como prefeito de Imbuia, tem se destacado por suas ações voltadas à melhoria da qualidade de vida da população, com ênfase para a abertura e manutenção de estradas, renovação da frota municipal, desativação do lixão a céu aberto, construção de centro esportivo, galpão industrial, reformas e ampliações de educandários.

Câmara de Vereadores

Quando Manoel Bernardino de Andrade foi eleito para o seu primeiro mandato como vereador, era filiado ao Partido Social Democrático (PSD).

“Imbuia tinha pouco mais de 400 eleitores, eu me elegi com 40 votos”, conta Andrade.

“A campanha política era quase idêntica às de hoje, mas era mais difícil para a gente chegar até o eleitor. Eu, por exemplo, fiz a minha primeira campanha a pé – e de carro, quando dava para ir porque tínhamos lugarejos de difícil acesso”.

Para participar das sessões, ele se deslocava de Campo das Flores até o centro de Imbuia, a bordo de sua charrete.

“Nas estradas daquele época, já passavam carros e caminhões, mas em tempos de inverno atolava tudo”, lembra.

Depois de cumprir seu mandato, ao invés de tentar a reeleição, candidatou-se à vice-prefeito, mas perdeu.

Foi eleito vereador pela segunda vez em 1972, pela Aliança Renovadora Nacional (Arena). Período no qual chegou à presidência da Câmara de Vereadores, sem esconder o orgulho de ter ficado em primeiro lugar na corrida por uma cadeira: foram mais de 140 votos.

Eram outros tempos: vereador não recebia salário. “Na segunda e última vez em que fui vereador, e mesmo assim somente nos últimos meses do mandato, é que eu recebi algum tipo de remuneração”.

Enquanto cumpria seus mandatos ou disputava as três eleições seguidas às quais concorreu, Manoel Bernardino de Andrade também ocupou a presidência dos partidos PSD e Arena, durante mais de oito anos

“Tínhamos a Arena 1 e a Arena 2; naquele tempo, as divisões internas já marcavam a história dos partidos, e não era muito fácil trabalhar assim porque a oposição era dura. Eu sempre fui situação”.

Nossos vereadores

1963-1969

Alfredo de Souza
Davi Michels
José Lopes
Evelino Sell
Leopoldo Allein

Alcides Philippi
Manoel Bernardino de Andrade

1969-1972

Willy Bepler
Fridolino Rengel
Olindino Ferreira
Nilton José Soares
Eliziário Rodrigues
Aníbio Cecílio Domingos da Silva
Claudino da Silva

1973-1976

Erotides de Souza
Hipólito Schlrsting
Nilton José Soares
Domingos Silvério de Souza
Pedro Andersen
Manoel Bernardino de Andrade
Arcênio Francisco da Silva

1977-1982

Tito Valério de Souza
Celestino João Soares
Erotides de Souza
Alvino Inácio Lopes
Oswaldo Azildo Machado
Lorival Arnold
Atair Artur da Silva

1983-1988

Lorival Arnold
Volnei Luiz Lutz
Wilibaldo Egger

Atair Artur da Silva
Leopoldo Allein
José Schlickmann
Auri Andersen

1989-1992

Valdir Alves
Volnei Luiz Lutz
Bernardet Michels
Auri Andersen
Nazário Lopes
Antônio Valmor Capistrano
Longino Bennert
José Jaime Machado
Osvaldo Machado

1993-1996

Élio Esser
João Schwambach
Altamiro Antônio Fuch
Osmar Truppel
Rogério Nicolau Lopes
Neri Fermino
Bernadete Michels
Laudir Portot Schovinder
Agenor de Souza

Durante esta legislatura, assumiu o suplente Alírio Henckemeier. Foram presidentes: Neri Fermino (1993-94) e Bernadete Michels (1995-96).

1997-2000

Alírio Henckemeier
Alcides Goedert
Amilton Machado

Egon Sell
Laudir Portot Schovinder
Neuza Koerich de Andrade
Osmar Truppel
João Schwambach
Santolino da Cunha

Durante esta legislatura, assumiu o suplente Osair Soares. Foram seus presidentes: Laudir Portot Schovinder (1997 e 1999), Osmar Truppel (1998) e Santolino da Cunha (2000).

2001-2004

José Schlickmann
Faustino Kammers
Agustinho Inácio
Valmir Effting
Valdori Steinheuser
Amilton Machado
Valderci Scheidt
Neusa Sebold Esser
Alcides Goedert

Durante esta legislatura, assumiram os suplentes Valdimiro Arsênio da Silva e Adenísio Allein. Foram seus presidentes: José Schlickmann (2001 e 2004), Faustino Kammers (2002) e Valmir Effting (2003).

Filiação partidária

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Imbuia contava,

no final de 2003, com os seguintes partidos políticos em atividade, reunindo 1.037 filiados:

Partido Progressista (PP),
com 359 filiados;

*Partido do Movimento
Democrático Brasileiro (PMDB),*
com 321 filiados;

Partido da Frente Liberal (PFL),
com 181 filiados;

*Partido da Social
Democracia Brasileira (PSDB),*
com 112 filiados;

Partido dos Trabalhadores (PT),
com 64 filiados.

Breve história da educação

Áurea Lúcia Sezerino fez uma interessante pesquisa quanto aos primórdios da educação básica em Imbuia:

“As experiências com a escolarização tiveram início por volta de 1929 e a preocupação era dos pais, pois viam seus filhos crescendo sem aprender a ler e escrever, e como eles tinham vindo de outros municípios e tinham estudado pelo menos algumas séries do curso primário, queriam que seus filhos também tivessem. Não foi assim tão fácil fazer seus filhos estudarem pois tinham que ir para lugares vizinhos conseguir professores ou então pessoas da comunidade que se colocavam a disposição ou eram escolhidas pelos pais. Essas pessoas, com o tempo, tinham que se aperfeiçoar, fazendo cursos em Ituporanga, Lages, Brusque ou em Rio do Sul, tendo sempre as dificuldades do transporte e da distância até o local do curso”.

Para dar autenticidade às suas pesquisas, e diante da falta de documentação, Áurea Lúcia Sezerino usou os recursos da história oral:



Frei Manoel Philippi: a maior escola está situada no centro de Imbuia

“Meu interesse pelas entrevistas me levou a conhecer as primeiras práticas de escolaridade e, através das entrevistas, fui descobrindo os interesses e preocupações das pessoas envolvidas com a escolarização.

“Os interesses, as motivações e as necessidades eram múltiplas: a preocupação dos pais da escola de Alto Rio dos Bugres – alemães na sua maioria, era diferenciar seus filhos dos índios, querendo algo mais para eles. Uma escola onde eles aprendessem a ler e escrever e ter uma vivência diferenciada dos índios que eles conheciam. Percebe-se nesta postura, uma tentativa de construção de uma identidade que os aprimorasse enquanto grupos e os diferenciasse dos nativos da terra”.



Estudantes e professores da rede municipal de ensino recebem material escolar

Aos poucos, foram sendo implantadas as primeiras unidades escolares de Imbuia: Alto Rio dos Bugres, Escola Benvenuto Gonçalves da Silva, Rio Araçá, Samambaia, Campo das Flores, Rio Engano e Fazenda do Céu.

Os pais eram envolvidos nos projetos de implantação dessas escolas, desde a doação de terreno, mão-de-obra voluntária na sua construção ou doação do material necessário para isso.

“Tiravam pedras em lugares difíceis e as puxavam no lombo de burros. A escola era quase sempre uma casa pequena com uma varanda nos fundos, onde moravam os professores(as), ou em outras escolas o professor morava num canto da própria sala de aula”, relatou a pesquisadora.

Além de professores locais, como Willy Beppler, Manoel Bernardino de Andrade, Carlos Pedro Simas, Oldina Simas Reitz, os pais contratavam professores de outros municípios, a exemplo de Ituporanga, Bom Retiro e Rancho Queimado.

O objetivo era fazer com que os alunos aprendessem a ler e a escrever, e as práticas de escolarização variavam um pouco de uma escola para outra.

Mas, algumas disciplinas básicas marcaram aqueles primeiros tempos, como linguagem, aritmética, história, geografia, conhecimentos gerais, religião, comportamento e aplicação.

Os métodos eram rígidos: “Havia vara de marmelo, castigos, mas, segundo os professores, os alunos aprendiam. Os alunos tinham mais respeito pelo professor. Ele era a autoridade maior na comunidade, era respeitado não só pelos alunos, mas também por toda a comunidade”.

Oldina Simas Reitz não falava outro idioma a não ser o alemão, quando entrou para a escola, em 1952. Ela disse à pesquisadora Áurea Lúcia Sezerino que, com muita dificuldade, aprendeu a falar o português com ajuda do pai adotivo, que também foi seu professor.

A Escola Alto Rio dos Bugres, que era particular e mantida pelos pais dos alunos, funcionou cerca de 10 anos. Durante todo o período em que foi mantida em atividade, ensinou o idioma alemão.

As outras unidades escolares

Escola de Educação Básica Frei Manoel Philippi

Em seu início de atividades, “funcionou numa casa particular, tendo como professora a senhora Olga”, relataram Maria Madalena Ghizoni, Miriam Terezinha Alves e Carlos Simas no **Histórico da Escola Básica Frei Manoel Philippi**, de 1979. Segundo este relato, em 1942 a escola “funcionou na capela local, localizada na propriedade pertencente a Sílvio Subtil de Oliveira, sendo na época o professor responsável Urbano Lemckuhl”. A partir de 1945, a escola teve outros professores e denominações: Escola Reunidas Benvenuto Gonçalves da Silva (1953), Grupo Escolar Frei Manoel Philippi (1966), Escola Básica Frei Manoel Philippi (1972) e Colégio Estadual Frei Manoel Philippi. Sua atual diretora é Ana Maria de Andrade Kreusch.

Escola Alto Rio dos Bugres

Foi implantada em 1934, em uma casa que, aos finais de semana, servia como igreja para cultos luteranos, no terreno do atual Cemitério Evangélico. As aulas – particulares – eram ministradas pelo professor Arlindo Schmitz, que atendia aos alunos que vinham à cavalo de Bela Vista. Em 1939, a escola foi municipalizada, pertencendo a Bom Retiro.

Também foram seus professores: Rodolfo Dunke, Miriam Hammes Kammers, Maria Elisabeth Stinn Kammers, Maria Salete Boll Kammers,



*Autoridades e populares participam de solenidade
no Grupo Escolar Frei Manoel Philippi*

Elizandra Dias, Ana Maria Duarte de Andrade, Iraní Aparecida de Souza Silva, Isaura Mariano Schmoeller e Zeli Kammers Errath.

Escola Municipal Professora Almerinda Souza Peixe

Primeira escola da comunidade de Garrafão, criada em 1936, teve como primeira professora Almerinda Souza Peixe. Nos finais de semana, a escola servia como igreja para a comunidade. Desde sua fundação, teve outras denominações: Escola Isolada Desdobrada Garrafão, quando pertencia ao município de Brusque (os coordenadores Inácio Delantônio e Pedro Piva Júnior faziam visitas semestrais); Escola Isolada Garrafão, quando pertencia ao município de Vidal Ramos; Escola Municipal Garrafão, quando passou ao município de Imbuia.

Os vários prédios que esta escola teve foram construídos em terrenos doados por José Sebastião da Silva, na década de 1930. A atual denominação foi aprovada em 2002. Também lecionaram nesta escola: Júlia Stelin Hammer, Laudelina de Souza Capistrano, Maristela da Cunha de Souza, Enedir de Fátima Cardoso Conaco e Irani Aparecida de Souza Silva.

Escola de Rio Araçá

Terceira escola de Imbuia, teve início em meados de 1946, sob a denominação de Escola Pública Mista Estadual Rio Araçá, com 30 alunos e a professora Conilda May. A construção era de madeira, abrigando tanto a residência da professora quanto a sala de aula. Em 1962, mudou a denominação para Escola Estadual de Vista Alegre do Município de Imbuia, tendo como professora Maria de Lurdes Neckel Montibeller – que atuou nesta escola por 25 anos. Em 1º de março de 1963, foi construída a nova escola, com duas salas de aula, banheiros, secretaria e cozinha.

Passou a ter outras denominações: Escola Isolada Estadual Desdobrada de Vista Alegre (1964), Escola Isolada Vista Alegre (1974) e Escola Municipal Vista Alegre (1998). Entre suas outras professoras, estavam: Umbelina Laura Lorenzi (mais de 15 anos), Cláudia M. Machado, Silvelise Hoegen, Elizandra Dias, Ana Maria Duarte de Andrade e Iraní Aparecida de Souza Silva.

“Consta, através de registros encontrados na escola, atas de Círculo de Pais que tinha a mes-

ma função da APP (Associação de Pais e Professores), Liga Pró-Língua Nacional, na qual tratava sobre o respeito durante o Hino Nacional, Hino à Bandeira ou qualquer hino da nossa pátria. Também encontrei registros de atas de reuniões do Pelotão de Saúde Olavo Bilac. Este pelotão era representado por alguns alunos da escola e tinham que ser eles exemplos para os outros alunos, no asseio corporal, na ordem do material e no comportamento durante o recreio. Esses alunos eleitos pelos demais colegas assumiam. Juntamente com os registros encontrei relatórios anuais, balancetes e fichas de frequência e de avaliação. Nas outras escolas não foi possível encontrar registros”, relata a pesquisadora Áurea Lúcia Sezerino.

Escola Municipal Samambaia

Quarta escola de Imbuia, fundada em 1974, na localidade de Samambaia, construída em um terreno doado por Evelino Augusto Sell. Foram seus professores: Maria Arcendino Cesário, Tarcísio Ângelo Ghizoni, Enedir Sell Inácio, Áurea Lúcia Sezerino, Roseli Maria Soares, Marcell de Fátima Souza e Ana Maria Duarte de Andrade. De multisseriada, a escola passou a nucleada, em 1996.

Escola Básica Municipal Professora Umbelina Laura Lorenzi

Fundada no Jardim Tarumã, em meados de 1994, iniciou atividades em 1995. Foram suas professoras: Áurea Lúcia Sezerino, Darzirene Bardt da Silva, Ana Maria Duarte de Andrade, Elizandra

Dias, Irani Aparecida de Souza Silva, Kátia Rodrigues Goedert e Rosane Cristina Hoffmann Gesser.

Escola Municipal Campo das Flores

Primeira escola da comunidade de Campo das Flores, iniciou atividades em 1955, com 21 alunos e o professor Nilo Goedert. Também foram seus professores: Willy Beppler, Claudino Zermiani, Zélia Evanira Tramontin, Leonir Arnold, Helena Matilde Bogo, Marcell de Fátima Souza, Maria Sueli Soares Ferreira e Terezinha Eyng.

Em 1974, era denominada Escola Isolada Campo das Flores. Em 1986, enquanto era construída a ala do jardim de infância, foi reformada a escola, que passou a atender os alunos em uma casa emprestada por Antônio Valmor Capistrano.

Centro de Educação Infantil

Pequeno Polegar

Fundado em 1979 como homenagem a um dos clássicos contos de fadas europeus: Pequeno Polegar era o filho mais novo de uma família de sete irmãos que foram abandonados por seus pais em uma floresta – pois não tinham nada para lhes dar de comer.

No início de suas atividades, o atendimento do Centro de Educação Infantil era feito através de convênio com o Mobral, em duas turmas com aproximadamente 20 crianças – que eram buscadas em casa, pois os pais não acreditavam que

o trabalho fosse dar certo. Suas primeiras professoras foram Marli Gorges e Margarida Schappo da Silva.

Hoje, atuam nesta unidade uma coordenadora e uma secretária especializada em educação infantil e sete professoras (seis cursando Pedagogia e uma com especialização em Educação Infantil), duas merendeiras e quatro ajudantes de serviços gerais. Atende 180 crianças (de 2 a 6 anos), divididas em 10 turmas. A instituição é mantida pela Prefeitura Municipal.

Creche Cremilda Scheidt

Fundada em 10 de setembro de 1990. Na época, seu objetivo era atender crianças de famílias carentes que trabalhavam e não tinham onde deixar seus filhos. Hoje, atende crianças de três meses a dois anos de idade, residentes no centro da cidade. Sua denominação é uma homenagem à ex-primeira dama de Imbuia, Milda Sell Scheidt, esposa do ex-prefeito Liberto Pedro Scheidt, que administrou o município de 1973 a 1976. Milda Sell Scheidt nasceu em Alto Rio dos Bugres, atual Nova Alemanha, em 24 de setembro de 1937, filha de Humberto Sell e Paulina Hoegen Sell.

Creche Ione Sens

Fundada em 1993, tinha 23 crianças atendidas pelas professoras Ivete de Souza Scheidt, Maria Marly Allein da Silva, Solange Garcia e Ivonete Flor. Hoje, atende 16 crianças de quatro meses a dois anos de idade, suas professoras são Adriana Peixe Fuck e Ivete de Souza Scheidt. Como agen-

tes de serviços gerais, atuam Ivone Nascimento e Janete Bezerra. Nascida em 11 de janeiro de 1929, na Barra do Iririú, Palhoça, a professora Ione Sens era filha de Sebastião do Santos Moreira e Alice Maria Moreira. Casada com Ernestino Sens, em 1957, veio morar em Imbuia em 1958, onde seu marido assumiu as funções de escrivão de registro civil.

Centro de Educação Infantil Jardim Florido

Localizado em Campo das Flores, recebeu esta denominação em homenagem à comunidade. Criado em 1982, por iniciativa do coordenador do Mobral, Volnei Lutz. Sua primeira professora foi Salete Coelho. Hoje, funciona na sede da antiga Escola Gustavo Eger; atende 20 crianças de 3 a 6 anos de idade, no período vespertino.

Centro de Educação Infantil Branca de Neve

Fundado em 1984, implantado no salão da Igreja Evangélica de Samambaia, onde funcionou por dois anos. Depois, foi construído nas proximidades da Escola Multisseriada Leopoldo Arnold, com doações de Otto Bruch e Balduino Hasse. A primeira professora foi Enedir Sell Inácio, a primeira merendeira Enedir Cardoso Conaco. Deixou de funcionar por dois anos.

De 1997 a 1998, houve a nucleação de todas as escolas multisseriadas de Imbuia, sendo reaberta a Escola Municipal Leopoldo Arnold, transferindo o Jardim Grãozinho de Ouro e todas as

crianças daquela e de outras comunidades para lá. Reaberto em 1999-2000, o Centro de Educação Infantil Branca de Neve atende crianças de 3 a 6 anos de idade, tendo iniciado 2003 com 31 matrículas.

Centro de Educação Infantil Sítio da Saudade

Criado como Jardim de Infância Sítio da Saudade, em 1983, com atividades iniciadas no salão da Igreja Católica de Nova Alemanha, por dois anos. A nova sede foi construída em terreno doado por Evaldo Vermölhen.

Suas primeiras professoras foram Fátima Márquez e Elisabeth Lopes; a primeira merendeira foi Rosane Kammers. Em 1998, houve a nucleação das escolas multisseriadas, e em 1999 as crianças voltaram a ser atendidas no salão da igreja católica. No mesmo ano, foi construída uma nova sala, no mesmo prédio onde estava a Escola Municipal Alto Rio dos Bugres.

Centro de Educação Infantil Tia Lúcia

Fundado em 1981, atendendo 33 crianças de sete meses a seis anos de idade. Hoje, atende 16 crianças de três a seis anos de idade. Sua denominação é uma homenagem à ex-primeira dama Lúcia Goedert, esposa do ex-prefeito Raul Goedert.

Sua primeira professora foi Izolde Boll. A atual sede foi construída em 1996. Lúcia Possenti

Goedert nasceu em 27 de maio de 1937, em Bom Retiro, filha de João Possenti e Alexandra Possenti. Morreu em Imbuia, em 12 de março de 2003.

Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC)

A Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina implantou no município, em setembro de 2001, o curso de Pedagogia a Distância, reunindo 30 alunos, tendo como tutora Cleusa Marise Kreusch Gulini. A primeira formatura de graduação em Imbuia está prevista para novembro de 2005.

Em algumas escolas, conta a pesquisadora Áurea Lúcia Sezerino, “os alunos usavam caneta, lápis e caderno”; em outras, “usavam cadernos, cartilhas e caneta tinteiro”.

Algumas escolas, antes desse período, “usavam a lousa ou cadernos de papel de embrulho”, que eram organizados pelas mães, que cortavam todas as folhas do mesmo tamanho e as costuravam manualmente.

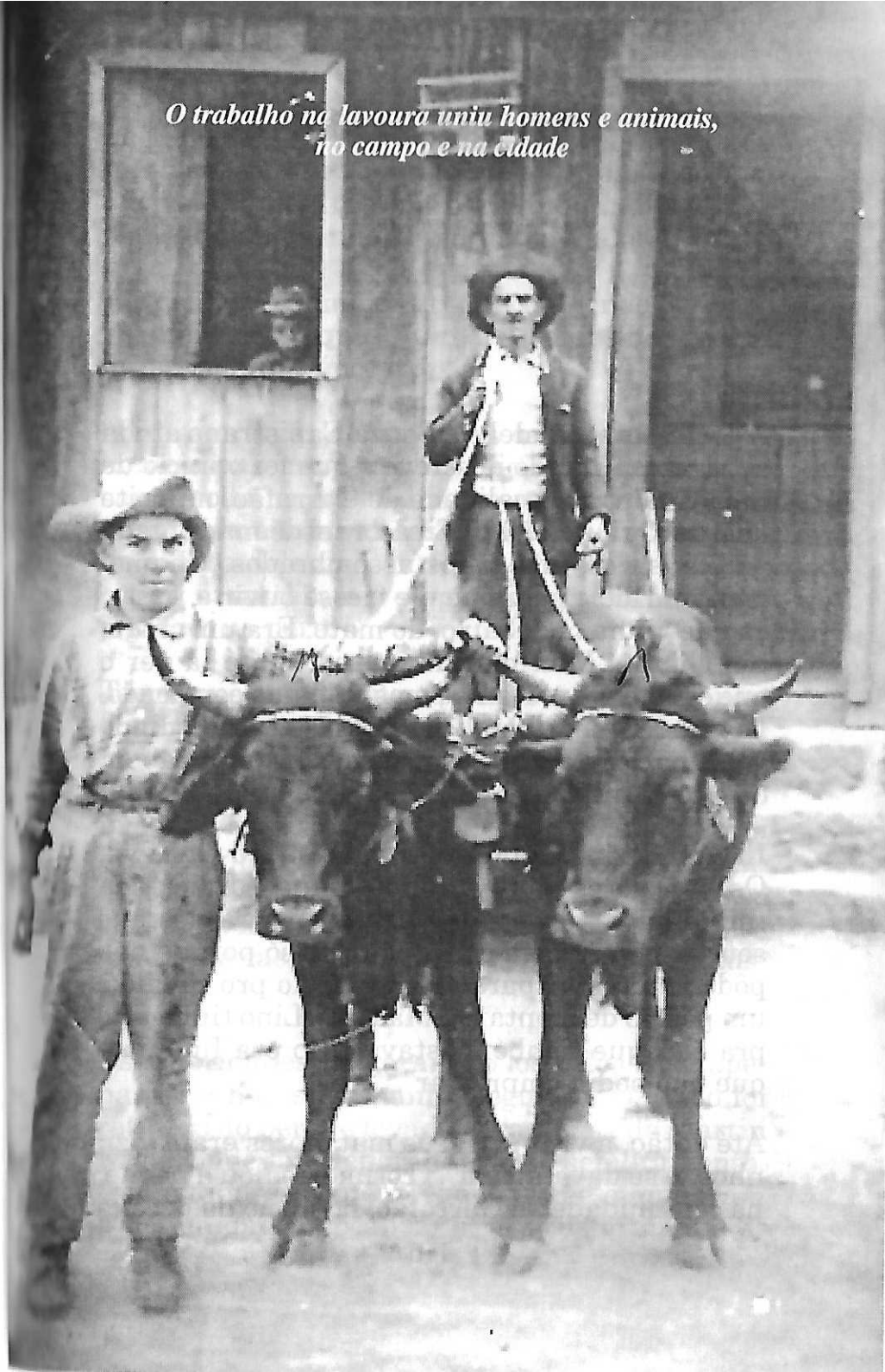
Aluno da Escola Particular de Rio dos Bugres, Aloísio Kammers lembrou à pesquisadora Áurea Sezerino que, no início de sua vida escolar, ele usava a lousa para escrever:

“A gente escrevia e quando enchia apagava e escrevia de novo. No segundo ano, já ganhei

caderninho feito de papel de embrulho cortado e costurado, escrevia com lápis, não devia escrever com tinta. Nós tínhamos que cuidar desse caderno pra não fazer orelha de burro porque, se chegava em casa com o caderno estragado, nossos pais brigavam”.

Ele só conheceu outros recursos para a escrita dois anos depois: “Quando fui para o terceiro ano, usei a caneta tinteiro com pena, não sempre, só nas provas e nos exames. Não tinha boletim, a gente estudava e era aprovado ou reprovado”.

*O trabalho na lavoura uniu homens e animais,
no campo e na cidade*



O assassinato de Liberto Scheidt

Desde os quatro anos de idade, Zenaide Sardo mora em Imbuia, cidade na qual viveu um dos maiores dramas de sua vida: a perda do pai.

Ela é filha do ex-prefeito Liberto Pedro Scheidt, que foi assassinado: “Meu pai tinha uma fazenda, com 70 cabeças de gado, e ele negociou essa fazenda com um pessoalzinho de São Joaquim. A compra foi acertada em três prestações. Quando venceu o primeiro cheque, já não tinha fundos”.

Scheidt foi conversar com o comprador, que lhe assegurou:

“Quando vencer o segundo cheque, vamos acertar tudo junto”.

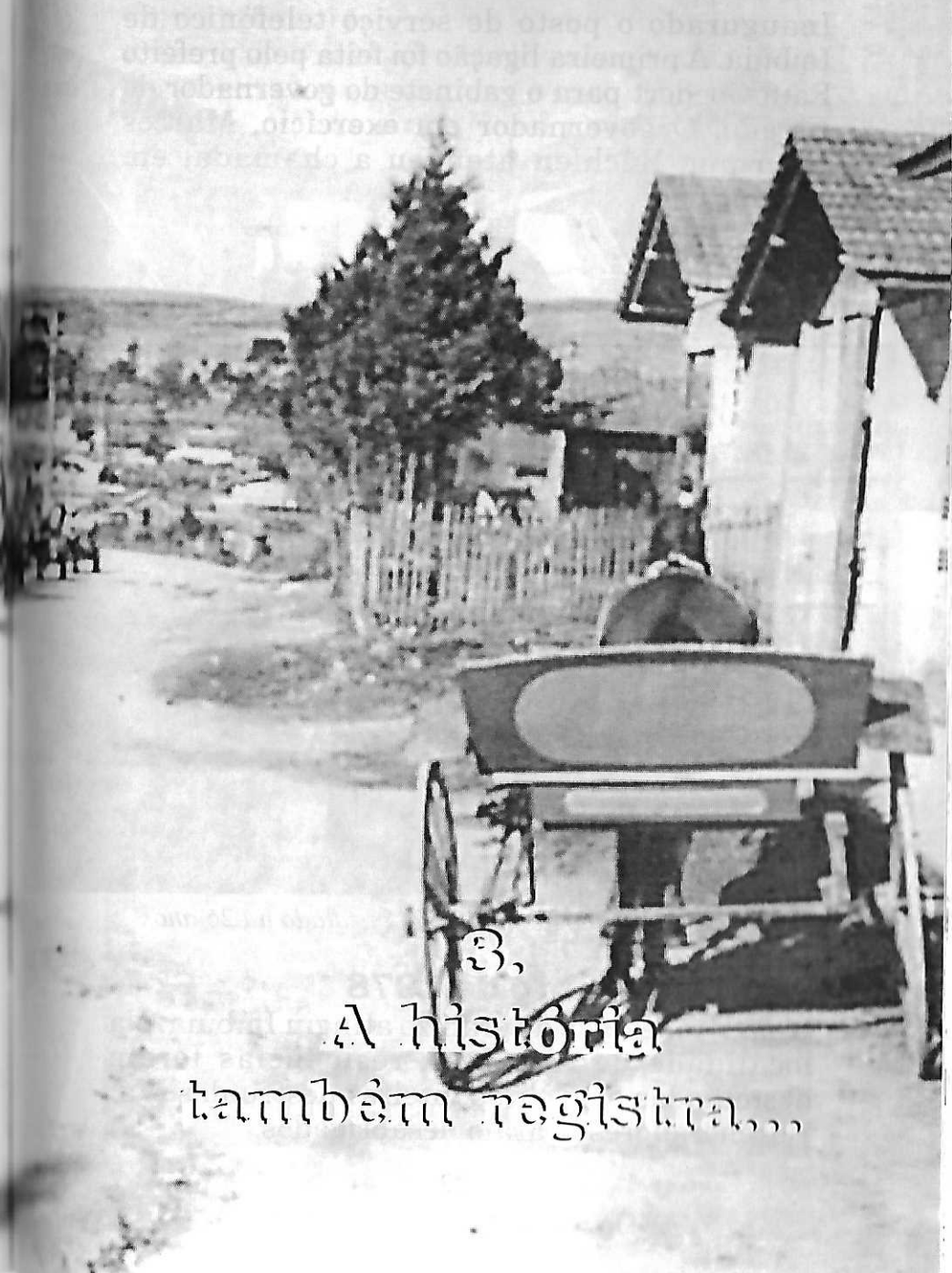
Quando chegou o dia de descontar o segundo cheque, os compradores vieram até Imbuia “e convenceram meu pai para que ele fosse junto com eles, para receber o dinheiro em São Joaquim. Em dinheiro vivo! Meu pai, na boa fé, foi com eles. Foi e não voltou mais. Era 20 de fevereiro de 1980. Mataram ele, jogaram o corpo numa serra, aqui em Petrolândia, para nunca mais ser encontrado. Arrumaram um Fusca velho e ainda o colocaram dentro, para simular um acidente. Mas, o carro ficou pendurado na serra”.

Teriam sido 200 metros de queda livre, não fossem “umas varinhas fininhas que seguraram

aquele Fusca. Por acaso, alguém passou na estrada e viu uma coisa brilhando, vermelha, lá embaixo, e avisou a polícia. Enquanto recolhiam o corpo, o chefe da turma que matou ele, estava no local ainda, fazendo média, lamentando a morte dele, coisa e tal”.

Resultado: o homem foi preso como suspeito. Na caminhonete do suspeito, havia marcas de sangue. Outros homens também foram presos e confessaram o crime.

Como o crime havia sido cometido em Urubici, os assassinos tiveram que cumprir pena de prisão em Lages. Mas, ao final de três meses, os assassinos fugiram da cadeia. As autoridades policiais informaram que eles serraram a grade e fugiram. E ficou por isso.



3,
A história
também registra...

20 de dezembro de 1978

Inaugurado o posto de serviço telefônico de Imbuia. A primeira ligação foi feita pelo prefeito Raul Goedert para o gabinete do governador do Estado. O governador em exercício, Marcos Henrique Büchler, atendeu a chamada, em Florianópolis.



O posto telefônico de Imbuia foi instalado há 26 anos

24 de dezembro de 1978

Uma tempestade de granizo atingiu Imbuia. Na localidade de Alto Ivaí, residências foram destelhadas e lavouras inteiras destruídas. Vários moradores ficaram desabrigados.



Acima: Chuva de granizo destruiu telhados das residências. Abaixo: Próximo das casas, pedras de granizo ficaram amontoadas





Vista Alegre: inauguração da energia elétrica, em 1979

19 de março de 1979

Inaugurada a rede de energia elétrica na localidade de Vista Alegre, fruto de convênio entre a Eletrobrás e as Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc). Presidente da Celesc, Nilson Custódio da Luz, esteve presente à solenidade.

Vista Alegre

Na década de 1920, a localidade era conhecida como Rio Araçá, onde havia uma fábrica de óleo de sassafrás que empregava os membros de três ou quatro famílias que viviam no local. Um dia, a fábrica amanheceu queimada. Há quem diga que foi um acidente, há quem diga que foi provocado. Mas, ninguém prova nada. A mesma comunidade passou a ter outros nomes: Coqueiro, Poça, Rio Araçá e Vista Alegre.

A Segunda Guerra Mundial

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), alguns moradores de Imbuia, descendentes de imigrantes alemães, sofreram perseguições e torturas, como recorda Emília Reitz Allein: “Pegaram um homem, arrancaram a barba de alicate, na Nova Alemanha, só porque ele falava alemão”.

Ela revela que em sua casa, todos falavam alemão: “Tinha um homem que vigiava a gente, de noite, mas meu pai nunca deixou de falar nem de rezar na mesa, três vezes por dia, em, alemão. Quem vigiava era Antônio Demétrio”.

1º de novembro de 1979

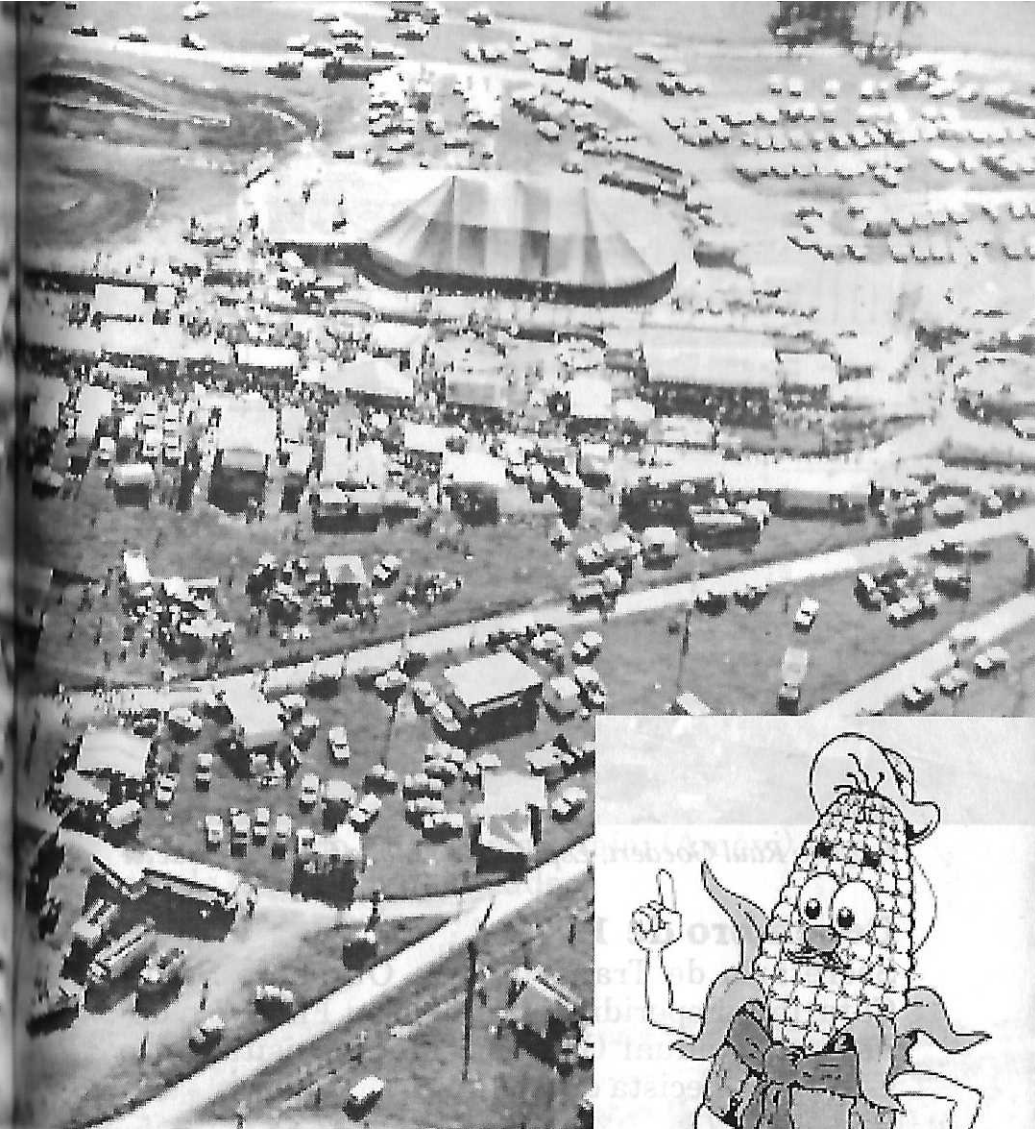
Conclusão das obras da estrada da localidade de Samambaia, ligação entre Imbuia e Vidal Ramos.





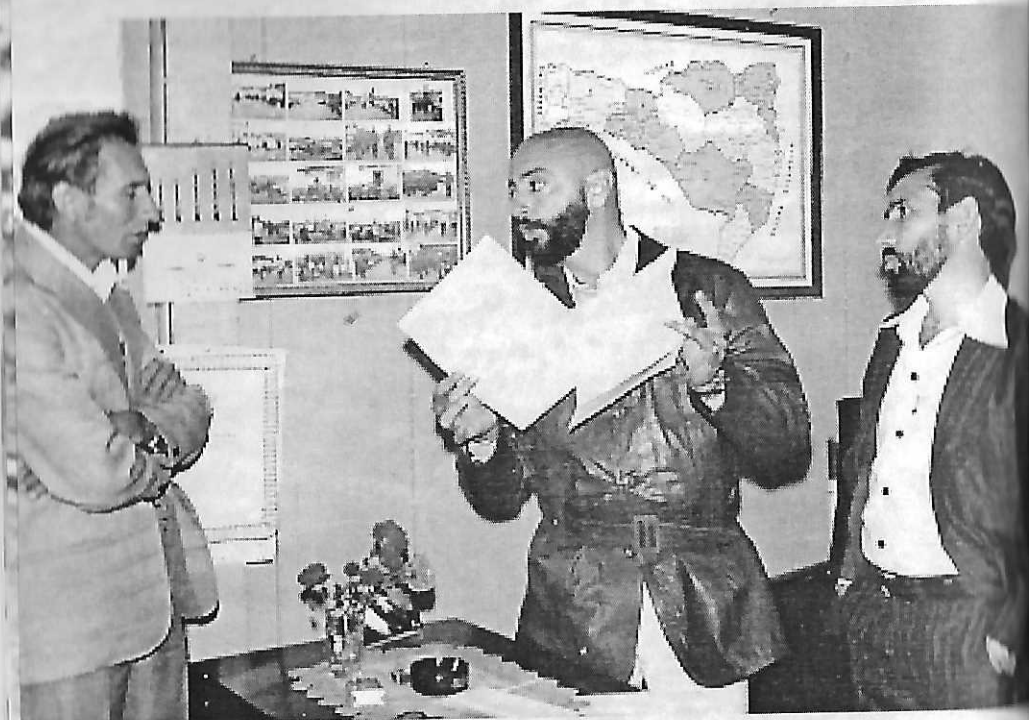
Festa Estadual do Milho Verde

Criada no início da década de 1990, a Festa Estadual do Milho Verde (Femive) trazia como destaques a gastronomia (culinária a base de milho verde), exposições de gado leiteiro, competições esportivas e apresentações artísticas



Acima, uma visão ampla da movimentação durante uma das edições da Femive, na década de 1990. Ao lado, o mascote da festa: uma soca de milho vestida a caráter!





Prefeito Raul Goedert, Esperidião Amin e Gervásio Maciel

Dezembro de 1979

Secretário de Transportes e Obras de Santa Catarina, Esperidião Amin Helou Filho, e o deputado estadual Gervásio Maciel visitaram o Colégio Cenecista de Imbuia.

Hospital

Fundação Hospitalar de Imbuia, mantida pela Prefeitura Municipal, iniciou atividades em setembro de 1990. Atualmente, conta com 16 leitos, tendo como administrador Cláudio Luiz Córdova Vargas e como auxiliar administrativa Márcia Aparecida Ferreira da Silva.

Imbuia dos nossos tempos

Agricultura

Além do comércio de produtos alimentícios, vestuário e mobiliário, a agricultura é a principal base da economia de Imbuia. Destacam-se, ainda, as produções de cebola, fumo, milho, feijão e batata, sendo um dos membros da Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí (Amavi) com a cebola de melhor qualidade.



Igreja de Santo Antônio, centro de Imbuia



Êxodo rural

Na década de 1990, foi expressivo o êxodo rural em Imbuia, com os agricultores deixando sua cidade para morar e trabalhar nas indústrias de Joinville, Blumenau e Brusque. Este êxodo rural provocou uma diminuição considerável no número de habitantes de Imbuia.

Indústria

Imbuia conta com pequenas indústrias madeireiras, cerâmicas, funilarias, movelarias, vidrarias e serralharias.

Festa do padroeiro

Na sede do município, são realizadas as festas de Santo Antônio e São Sebastião. Mas, cada localidade do interior tem sua festa do padroeiro: Campo das Flores (Festa da Santa Cruz); Garrafão e Alto Rio Engano (Festa de Nossa Senhora Aparecida); Samambaia (Festa de São Cristóvão); Vista Alegre (Festa Junina, com a tradicional fogueira de São João).

Festas típicas

Em Imbuia, também são realizadas duas festas típicas: Festa Estadual do Milho Verde (Femive), em março; Festa do Agricultor, em setembro.

População (2000-2001)

Pessoas Residentes: 5.246

Pessoas Residentes na área urbana: 1.955

Esgoto: domicílios particulares permanentes com banheiro ligado à rede geral: 142

Água: domicílios particulares permanentes com

abastecimento ligado à rede geral: 393
Lixo: domicílios particulares permanentes com
lixo coletado: 571

Serviços de Saúde 2002-2003

Estabelecimentos de saúde: 5
Estabelecimentos de saúde – prestadores de ser-
viços ao SUS: 4
Leitos hospitalares: 17
Leitos hospitalares disponíveis ao SUS: 15

Ensino 2003

Matrículas no ensino fundamental: 1.002
Matrículas no ensino médio: 253

Docentes no ensino fundamental: 48
Docentes no ensino médio: 15

Registro Civil 2002

Nascimentos registrados no ano: 98
Casamentos registrados no ano: 39

Eleição Municipal

Número de eleitores: 3.967

Instituições Financeiras 2003

Agências bancárias: 1

O novo mapa político

As atuais divisas intermunicipais do município de Imbuia foram definidas no final de 1999, e publicadas no **Diário Oficial** de 10 de janeiro de 2000.

De acordo com a publicação, Imbuia faz divisas com os municípios de Vidal Ramos, Leoberto Leal, Alfredo Wagner e Ituporanga.

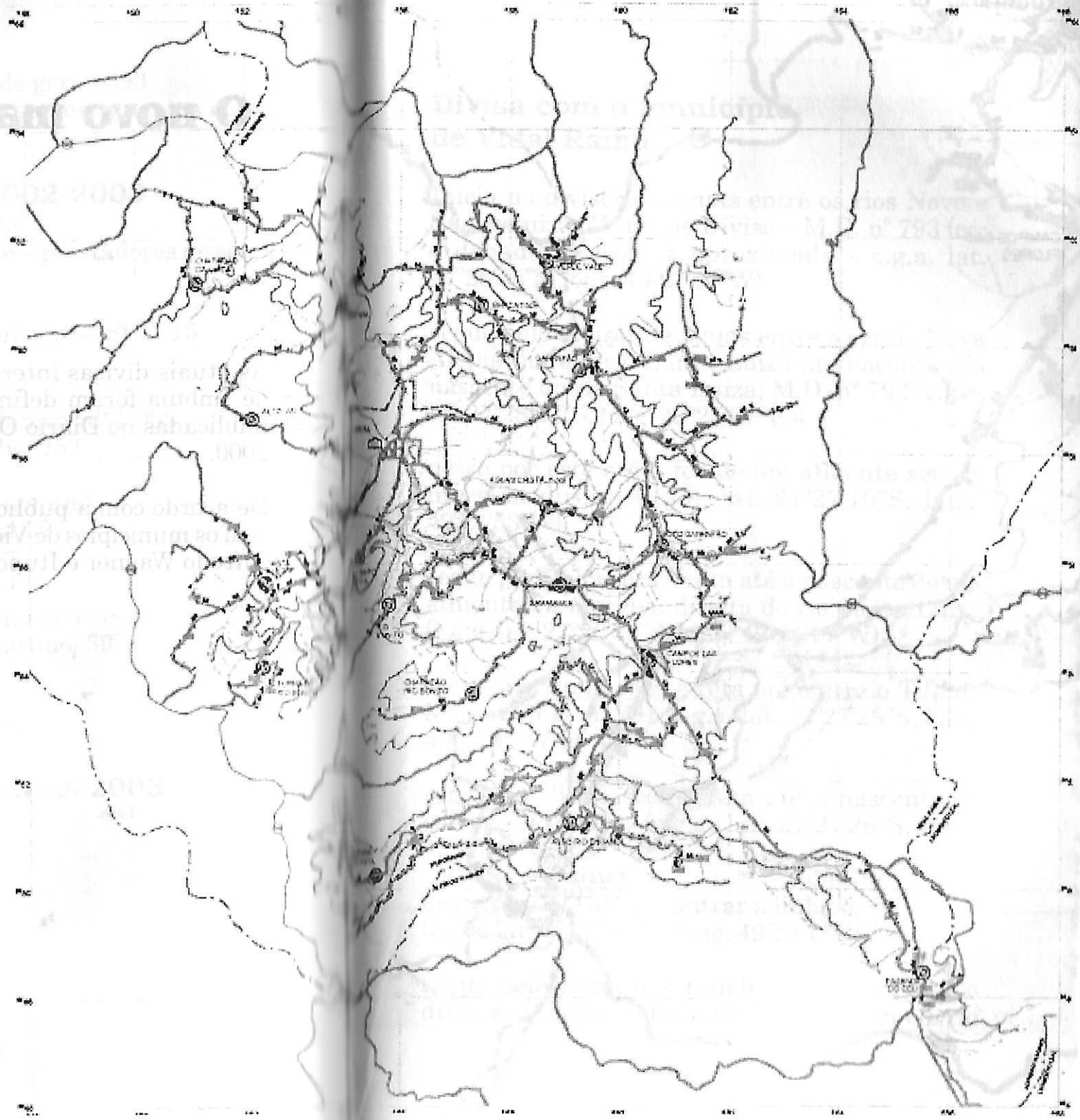


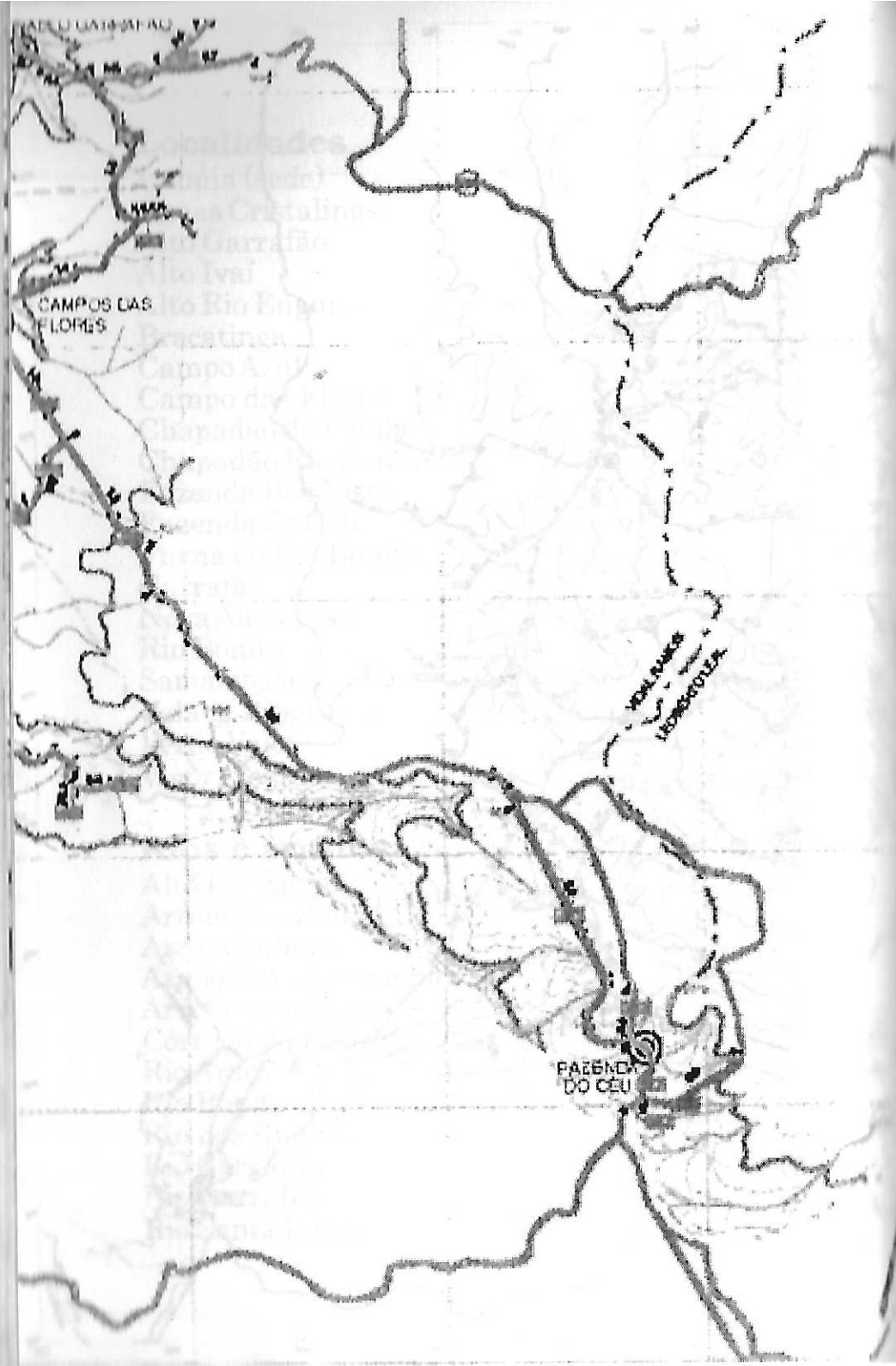
Localidades

Imbuia (sede)
Águas Cristalinas
Alto Garrafão
Alto Ivaí
Alto Rio Engano
Bracatinga
Campo Azul
Campo das Flores
Chapadão da Unida
Chapadão Rio Bonito
Fazenda Boa Vista
Fazenda do Céu
Furna do Rio Bonito
Garrafão
Nova Alemanha
Rio Bonito
Samambaia
Valada Progresso
Verde Vale
Vista Alegre

Rios e arroios

Alto Rio Engano
Arroio dos Bellos
Arroio Imbuia
Arroio Nova Alemanha
Arroio Sem Nome
Córrego do Lauro
Rio Araçá
Rio Bonito
Rio dos Bugres
Rio Garganta
Rio Garrafão
Rio Santa Luiza





Divisa com o município de Vidal Ramos

Inicia no divisor de águas entre os rios Novo e Santa Luiza, Marco de Divisa – M.D. n° 793 (coordenada geográfica aproximada – c.g.a. lat. $27^{\circ}26'35''S$, long. $49^{\circ}27'57''W$);

segue pelo divisor de águas entre o arroio Nova Alemanha e o rio Santa Luiza até encontrar a nascente do rio Santa Luiza, M.D. n° 792 (c.g.a. lat. $27^{\circ}28'20''S$, long. $49^{\circ}25'27''W$);

desce por este até a foz de um afluente seu da margem direita (c.g.a. lat. $27^{\circ}27'10''S$, long. $49^{\circ}24'53''W$);

segue por linha seca e reta até a nascente de um afluente da margem direita do rio Santa Luiza (c.g.a. lat. $27^{\circ}26'53''S$, long. $49^{\circ}24'17''W$);

segue por linha seca e reta até o arroio Tifa do Miguel, M.D. n° 791 (c.g.a. lat. $27^{\circ}27'29''S$, long. $49^{\circ}23'46''W$);

segue por linha seca e reta até a nascente do córrego do Lauro (c.g.a. lat. $27^{\circ}27'26''S$, long. $49^{\circ}23'31''W$);

desce por este até encontrar a linha dos taimbés (c.g.a. lat. $27^{\circ}27'09''S$, long. $49^{\circ}23'18''W$);

segue pela linha dos taimbés até encontrar o divisor de águas entre o rio Itajaí-Mirim e o rio



Centro urbano e arredores de Imbuia, a Princesa do Alto Vale, povoada a partir do final da década de 1920



Garrafão, no ponto de cota altimétrica 905m, M.D. n° 790 (c.g.a. lat. 27°30'27"S, long. 49°21'07"W);



segue por este e pelo divisor de águas entre o rio Itajaí-Mirim, de um lado, e arroio Bonito e Alto Rio Engano do outro, até encontrar a nascente do rio Itajaí-Mirim no ponto de cota altimétrica 1.018m, M.D. n° 789 (c.g.a. lat. 27°34'20"S, long. 49°19'08"W).

Divisa com o município de Leoberto Leal

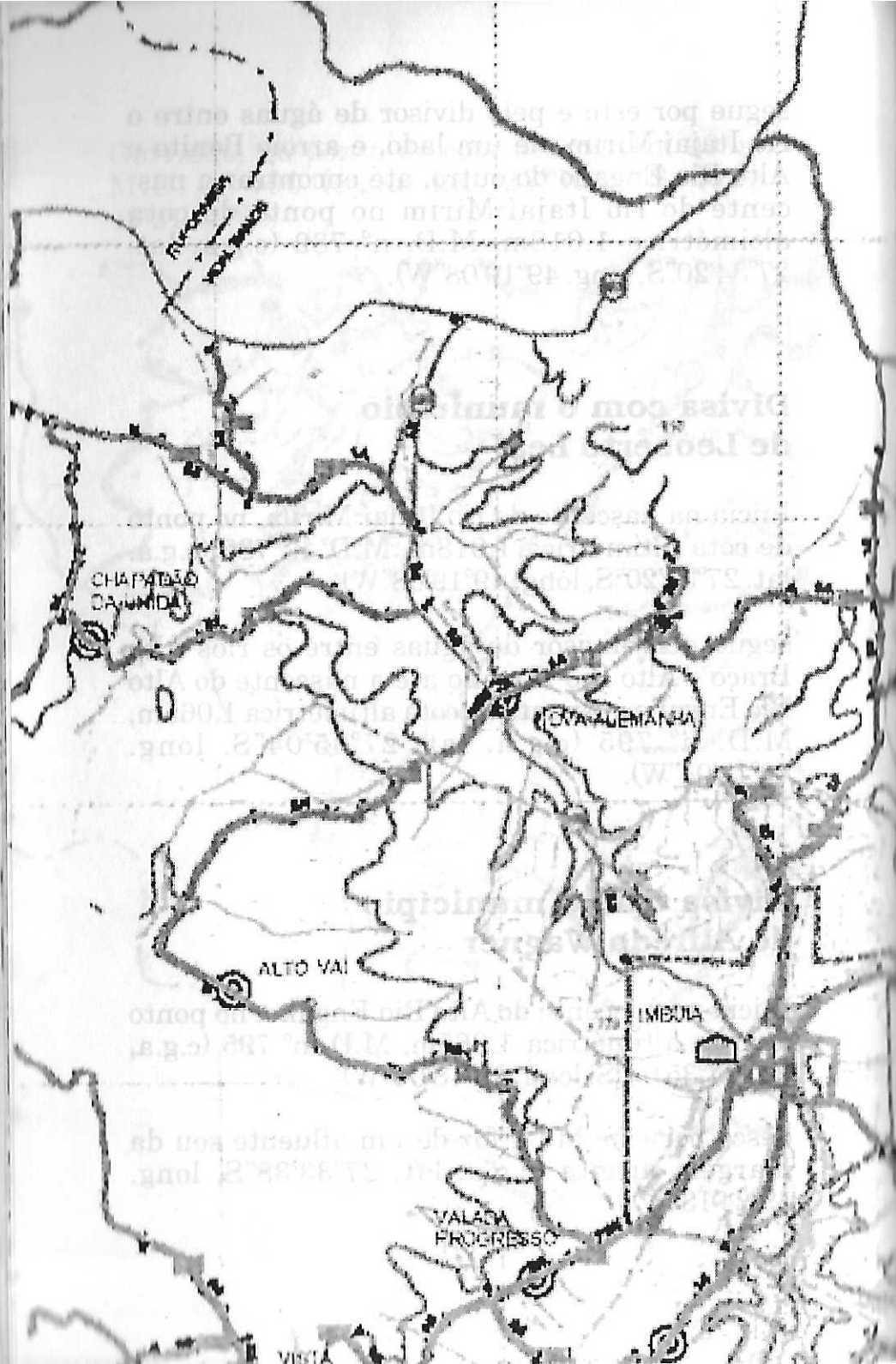
Inicia na nascente do rio Itajaí-Mirim, no ponto de cota altimétrica 1.018m, M.D. n° 789 (c.g.a. lat. 27°34'20"S, long. 49°19'08"W);

segue pelo divisor de águas entre os rios Alto Braço e Alto Rio Engano até a nascente do Alto Rio Engano, no ponto de cota altimétrica 1.065m, M.D. n° 795 (c.g.a. lat. 27°35'04"S, long. 49°18'04"W).

Divisa com o município de Alfredo Wagner

Inicia na nascente do Alto Rio Engano, no ponto de cota altimétrica 1.065m, M.D. n° 795 (c.g.a. lat. 27°35'04"S, long. 49°18'04"W);

desce por este até a foz de um afluente seu da margem direita (c.g.a. lat. 27°33'38"S, long. 49°24'13"W).



Divisa com o município de Ituporanga

Inicia no Alto Rio Engano, na foz de um afluente seu da margem direita (c.g.a. lat. $27^{\circ}33'38''$ S, long. $49^{\circ}24'13''$ W);

sobe por este até encontrar a linha dos taimbés (c.g.a. lat. $27^{\circ}33'22''$ S, long. $49^{\circ}24'07''$ W);

segue pela linha dos taimbés até encontrar um afluente da margem esquerda do rio Bonito (c.g.a. lat. $27^{\circ}31'37''$ S, long. $49^{\circ}24'37''$ W);

desce por este até sua foz no rio Bonito (c.g.a. lat. $27^{\circ}31'23''$ S, long. $49^{\circ}25'34''$ W);

sobe por este até a foz de um afluente seu da margem direita (c.g.a. lat. $27^{\circ}31'12''$ S, long. $49^{\circ}25'36''$ W);

sobe por este até sua nascente (c.g.a. lat. $27^{\circ}30'54''$ S, long. $49^{\circ}26'06''$ W);

segue pelo divisor de águas entre o rio Bonito e arroio dos Bellos até encontrar a nascente de um afluente da margem esquerda do arroio dos Bellos (c.g.a. lat. $27^{\circ}32'12''$ S, long. $49^{\circ}27'32''$ W);

desce por este até a foz de um afluente seu da margem direita (c.g.a. lat. $27^{\circ}31'54''$ S, long. $49^{\circ}27'55''$ W);

sobe por este até a foz de um afluente seu da

margem direita (c.g.a. lat. 27°31'49"S, long. 49°27'54"W);

sobe por este até encontrar a linha dos taimbés (c.g.a. lat. 27°31'36"S, long. 49°28'06"W);

segue pela linha dos taimbés até encontrar o divisor de águas entre o rio Novo e o arroio Nova Alemanha, M.D. n° 794 (c.g.a. lat. 27°28'19"S, long. 49°28'54"W);

segue por este até encontrar o divisor de águas entre os rios Novo e Santa Luiza, M.D. n° 793 (c.g.a. lat. 27°26'35"S, long. 49°27'57"W).

Bibliografia

ADAMI, Luiz Saulo. **Testemunho de Fé: Memorial do Pastor Wilhelm Gottfried Lange**. Blumenau, Editora Nova Letra, 2003.

ADAMI, Luiz Saulo, e ROSA, Tina. **Agrolândia: De Trombudo Alto aos Nossos Tempos**. Itajaí, S&T Editores/Prefeitura de Agrolândia, 2004.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis, Editora Laudes, 1970.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, IBGE, 1959.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro: Uma Contribuição ao Estudo da Imigração Polonesa no Brasil Meridional**. Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984.

GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou Morrer – Camponeses Trentinos (Vênets e Lombardos) nas Florestas Brasileiras – 1ª Parte – Santa Catarina (1875-1900)**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1987.

KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng o Contexto**. Brusque, Edição do Autor, 2002.

LOCH, Cenilde. **O Conde d'Eu, o Contexto Brasileiro no Século XIX e as Terras Catarinenses**. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**, 3ª fase, número 3. Florianópolis, 1981.

MAGALHÃES, Álvaro. **Enciclopédia Brasileira Globo**. Porto Alegre, Editora Globo, 1974.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. **Aspectos Geográficos de Santa Catarina**. Florianópolis, FCC Edições/Editora da UFSC, 1991.

PIAZZA, Walter Fernando e HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: História da Gente**. Florianópolis, Editora Lunardelli, 1983.

RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau**. Florianópolis/Blumenau, Editora da UFSC/Editora da Furb, 1992.

LIVROS SEM DECLARAÇÃO DE AUTOR

Boletim Geográfico. Florianópolis, Departamento Estadual de Geografia e Cartografia (DEGC), 1948-1949.

Estudos de Geografia Urbana de Santa

Catarina. Florianópolis, Secretaria de Educação, da Cultura e do Esporte/Editora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 1991.

História da República. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1993.

Lei Orgânica do Município de Imbuia. Imbuia, 1990.

Perfil da Alemanha. Frankfurt, Societäts-Verlag, Frankfurt am Main, 1993.

Programa Auxiliar de Pesquisa Estudantil – PAPE. São Paulo, DCL – Difusão Cultural do Livro Ltda., sem data.

MONOGRAFIAS E MANUSCRITOS

SEZERINO, Áurea Lúcia. **Memórias das Primeiras Letras: A Escolarização Entre as Décadas de 1930-1970 no Município de Imbuia**. Imbuia, UDESC, 2000.

GHIZONI, Maria Madalena; ALVES, Miriam Terezinha; e SIMAS, Carlos Pedro. **Histórico da Escola Básica Frei Manoel Philippi**. Imbuia, 21 de agosto de 1979.

SCHEIDT, Sandra. **Imbuia – Símbolo Verde**. Trombudo Central, UDESC, 2000.

SCHEIMANN, Wanusa Aparecida. **A representa-**

ção dos índios e bugreiros através das memórias (Vidal Ramos, 1910/1935) ou Representação dos bugreiros através das memórias (Índios Kokleng – Vidal Ramos, 1915/1930). Vidal Ramos, outubro de 2000.

STIEBE, Reneu; ALVES, Valdir; SCHLICKMANN, José; ALVES, Miriam Terezinha; SOUZA, Agenor de; e DUARTE, Cenório Antônio. **História do Município de Imbuia/SC - Característica Geral do Município**. Imbuia, 6 de agosto de 1996.

ENTREVISTAS

ALVES, Saul. Imbuia, 25 de maio de 2004.

ANDRADE, Manoel Bernardino de. Imbuia, 3 de fevereiro de 2004.

CAPISTRANO, Laudelina Souza. Imbuia, 6 de abril de 2004.

FERREIRA, Iracema Kühl. Imbuia, 5 de fevereiro de 2004.

KAMMERS, Aloysio. Imbuia, 6 de abril de 2004.

LAURINDO, Petronília. Imbuia, 6 de abril de 2004.

SANTOS, Ana Claudino dos. Imbuia, 3 de fevereiro de 2004.

SANTOS JÚNIOR, Roberto Borges dos. Imbuia, 3 de fevereiro de 2004.

SARDO, Zenaide Scheidt. Imbuia, 4 de maio de 2004.

SITES PESQUISADOS

Governo do Estado de Santa Catarina

Tribunal Regional eleitoral (TRE) de Santa Catarina

Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda.

ARQUIVOS PESQUISADOS

Biblioteca Pública Municipal Castelo Branco – Vidal Ramos, SC.

Biblioteca Pública Municipal Ary Cabral – Brusque, SC.

Câmara de Vereadores de Brusque – Brusque, SC.

Câmara de Vereadores de Imbuia – Imbuia, SC.

Centro de Documentação e Memória Histórica Genésio Miranda Lins – Arquivo Público de Itajaí – Itajaí, SC.

Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim - Casa de Brusque – Brusque, SC.

Prefeitura Municipal de Imbuia – Imbuia, SC.

Os autores

Luiz Saulo Adami nasceu em Brusque, Santa Catarina, em 21 de fevereiro de 1965. É jornalista profissional e escritor, com artigos, contos e poemas publicados no Brasil, Canadá, Estados Unidos, Inglaterra e Escócia. Participou de festivais de teatro amador e ministrou oficinas de texto, direção e produção teatral em Santa Catarina e no Piauí, onde foi indicado para prêmios técnicos; escreveu, dirigiu, produziu e atuou em dezenas de peças teatrais, a partir de 1975. Premiado em concursos de poesia, conto e crônica. Roteirista de documentários em vídeo; roteirista, produtor e apresentador de programas de rádio. Repórter e editor de jornais quinzenários, semanários e diários, tendo criado e mantido com sua mulher, Tina Rosa, um escritório de assessoria de imprensa para sindicatos e outras entidades de Brusque, na década de 1990. É membro correspondente de diversas academias literárias do Brasil e de Portugal.

Tina Rosa (Maria Cristina Rosa Adami) nasceu em Itajaí, Santa Catarina, em 8 de janeiro de 1965. Formada em Pedagogia e Artes Práticas, é fotoperfessionista profissional, poetisa e escri-

tora com poemas e artigos publicados no Brasil e nos Estados Unidos. Produtora e diretora, participou de festivais de teatro amador em Santa Catarina e no Piauí, onde foi indicada para prêmios técnicos. Roteirista, produtora e apresentadora de programas de rádio. Produtora de vários literários, membro da Associação Brusquense de Proteção aos Animais – Acapra, tendo sido sua presidente (2001-2003). Atuou em jornais quinzenários, semanários e diários, colaborou com revistas de circulação regional e nacional. É membro correspondente da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, de Petrópolis, Rio de Janeiro.

OBRAS: *Cicatrizes* (1982; poesia, conto e crônica); *Tina: Antologia Poética* (1982; poesia); *Nosso Pequeno Grande Mundo* (1983; poesia); *Elza: Amor e Renúncia!* (1987; novela); *Resurreição dos Enforcados: A Poesia de Max Theodoro por Luiz Saulo Adami – Poesia Completa* (1988; poesia); *Poetas do Berço: O Primeiro Grito!* (1988; poesia); *Chorinho* (1989; poesia); *Carimbos e Panfletos* (1989; poesia); *De Que Adiantam Braços Fortes?* (1994; conto, crônica e poesia); *O único humano bom é aquele que está morto!* (1996; cinema e TV); *Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN Chácara Edith* (2002; história); *Testemunho de Fé: Memorial do Pastor Wilhelm Gottfried Lange* (2003; biografia – português/alemão); *História Secreta do Arrayal dos Cunhas* (2004, história); *Terra Generosa: A História de Massaranduba – SC* (2004, histó-

ria); Agrolândia: De Trombudo Alto aos Nossos Tempos (2004, história); Alto Rio dos Bugres: As Origens do Município de Imbuia (2004; história).

Eram outros tempos...

Tina Rosa

Na cozinha da maioria das casas, não existia fogão, nem geladeira; mulheres cozinhavam sobre fogo de chão, a carne era conservada no sal. De gravetos, crianças construía seus brinquedos. Açúcar branco quase ninguém conhecia ou podia comprar. Sem dinheiro, a troca de mercadorias imperava. A palavra de um homem valia tanto quanto sua assinatura. Parte destas memórias está resgatada aqui. Para sempre. Uma história contada pela própria comunidade de Imbuia.

Tina Rosa é membro da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, do Rio de Janeiro.



Primeira História De Imbuia

Convidamos você a fazer uma viagem de volta aos primórdios de nosso município. Este livro, produzido pela S&T Editores para a Prefeitura de Imbuia, reconstitui os acontecimentos que marcaram a ocupação territorial de Alto Rio dos Bugres, a vida política, a implantação das primeiras escolas, a consolidação do comércio, da indústria e dos transportes, e a emancipação político-administrativa de Imbuia, nos primeiros 75 anos de sua história.